



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PÓSGRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Etnoteorias parentais: um estudo com mães de diferentes  
gerações e níveis sociais e econômicos**

Salvador

2012

**MARIANA LEONESY DA SILVEIRA BARRETO**

**Etnoteorias parentais: um estudo com mães de diferentes  
gerações e níveis sociais e econômicos**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal da Bahia, como  
requisito para obtenção do grau de  
mestre em Psicologia.  
Área de concentração: Psicologia do  
Desenvolvimento  
Professora orientadora: Prof(a) Dra  
Eulina Lordelo

Salvador

2012

---

B273 Barreto, Mariana Leonesy da Silveira  
Etnoteorias parentais: um estudo com mães de diferentes gerações e níveis sociais e econômicos / Mariana Leonesy da Silveira Barreto. – Salvador, 2012. 121f.: il.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eulina da Rocha Lordelo  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, 2012.

1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Etnologia (teoria). 3. Socialização. 4. Self (psicologia). 5. Influência dos pais. I. Lordelo, Eulina da Rocha. II. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia. III. Título.

**BANCA EXAMINADORA:**




---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eulina da Rocha Lordelo  
Universidade Federal da Bahia - UFBA



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Karina Santos  
Universidade Federal da Bahia - UFBA



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Josefina Donato Oliva  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

## Agradecimentos

Em dois anos muitas mudanças ocorrem em nossas vidas. Não poderia ter sido ao pensar sobre o tempo transcorrido ao longo deste curso de pós-graduação. Ao entrar no mestrado, eu e o meu grupo de pesquisa, fomos à Missão de Estudos no Pará onde vivemos por um mês, mas eu não imaginava que aquele também seria o último mês de vida do meu avô Francisco Dário da Silveira, o primeiro a entrar em minha lista de agradecimentos. O meu avô sempre foi para mim um imortal, exemplo de pai, de avô e de esposo. Em muitos momentos de dificuldade, inclusive ao longo do meu mestrado, era em meu avô que eu lembrava, pois ele, como um bom marinheiro, jamais abandonaria o leme de um navio.

No Ciclo Vital, uma vida se encerra, mas há sempre outra que se inicia. Paradoxalmente, eu perdia um avô, mas nascia uma sobrinha – Maria. A doçura do nome representada na ingenuidade de uma criança. Uma menina seria capaz de reestruturar toda a família. A minha irmã se tornava mãe e a minha mãe agora se tornava avó. À minha mãe – Marylúcia Leonesy - peço desculpas por não tê-la incluído em primeira instância, mas digo que é a você que devo o meu maior agradecimento, agradeço à vida, ao carinho e por todo o amor; um amor exclusivo que apenas uma mãe é capaz de dar a um filho. À minha irmã, Luciana Barreto, eu agradeço por sempre me apoiar em todas as minhas empreitadas. Obrigada irmã, por todas as revisões textuais, pela paciência, mas principalmente, por ter me transmitido tantos valores, conhecimentos e uma amizade eterna! Muito do que sou eu devo a você.

Em minha família há ainda muitas pessoas a quem eu devo agradecer e confesso que escrever sem me tornar repetitiva é uma tarefa difícil. No entanto, mais difícil seria sair do curso sem agradecer pessoas tão importantes e que participaram deste processo. Ao meu pai, Valci Barreto, pela admiração que tem por cada uma de suas filhas, pelo carinho, cuidado e desejo de estar ao lado até mesmo durante os seminários de qualificação. À minha irmã Juliana Barreto, agradeço às lições diárias e a aprendizagem construída em meio de tantas experiências compartilhadas. Obrigada minha linda, pelos bolos e sanduiches que levava para mim à noite quando eu estava em frente ao computador.

Escrever sobre nossa família é também contar um pouco das nossas tradições, valores e uma parte de nossa cultura. Aos meus avós paternos (*in memoriun*), eu agradeço por terem me ensinado o verdadeiro valor da humildade. A minha avó materna, a paciência em dividir comigo a atenção de uma dissertação e o dengo que toda a neta gostaria de receber. Aos primos, tios e familiares os meus sinceros agradecimentos, especialmente aqueles que contribuíram de algum modo para esta dissertação: Jéssica e Clotildes, obrigada pelo auxílio na coleta.

Em seguida, gostaria de agradecer a todos os meus amigos, inicio por aqueles que me acompanham desde o ensino médio: Philippe Dutheil e Maria Augusta Mathias.

Aos que trilham comigo uma amizade que surgiu desde os tempos de graduação: Carolina Meireles, Gabriela Jordão, Larisse Seixas, Samira Parcero e Mino Rios. Aos novos amigos construídos ao longo do Programa de Pós-Graduação, em especial, aos integrantes do meu grupo de pesquisa: Akemy, Carine, Samai Alcira, Rachel Ripardo.

Aos amigos que viajaram comigo na Missão de Estudos, em particular a Akemy Mochizuki, por todos os momentos de felicidade e de ansiedade vividos ao longo do mestrado. As amizades construídas em meu ambiente de trabalho, em especial a Daniela Reis e a Wilma Ribeiro por construirmos a cada dia uma relação de confiança e de carinho. Há ainda aqueles que compartilharam comigo momentos antes da entrega da dissertação: Selenia Rivas, Tatiana, Neilton Sérgio e Sarah Lemes.

Agradeço de um modo carinhoso a todos os alunos que compartilharam comigo uma sala de aula. Eu também jamais esqueceria as amigas do Quarto I, pelas infinitas discussões noturnas.

Eu sou particularmente grata a todos aqueles que contribuíram de algum modo para este trabalho: Sabrina Torres por ter lido a minha dissertação; Dalila Chaves pelo auxílio na tabulação dos dados e a José Henrique Benedetti pelo auxílio nas análises estatísticas.

Gostaria ainda de agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação, em especial a Ilka Bichara, Marcos Emanuel e Patrícia Alvarenga. Também agradeço aos profissionais que aceitaram o convite de participar em minha banca: Ana Karina Santos e Ângela Donato Oliva.

Agradeço ainda a todas as mães que participaram da coleta.

A Eulina Lordelo, que embora não tenha sido citada na primeira linha dos meus agradecimentos, é a ela a quem devo a minha maior gratidão. Eu jamais concluiria este trabalho se não fosse a dedicação de minha orientadora. Obrigada Eulina por todas as discussões, pelo cuidado, carinho, sorrisos e por todos os cafés compartilhados ao longo das minhas orientações.

Agradeço a Deus, pois sem ele eu nada seria! Agradeço São José, Nossa Senhora e a todos os santos e anjos que me auxiliaram neste processo, desde o processo seletivo até o momento de entrega da minha dissertação. Obrigada por todas as graças que me foram concedidas.

**A aquele que é Todo, por tudo!**

## Resumo

As etnoteorias parentais são definidas como um conjunto organizado de ideias sobre o desenvolvimento infantil, cuidados e práticas parentais, incluindo metas de socialização: desejos e expectativas em relação ao futuro de uma criança e ao modo mais efetivo de criá-la (Harkness e Super, 1996a). Etnoteorias parentais têm sido, algumas vezes, pesquisadas conjuntamente com a concepção de modelo de *self*, definida como um produto das representações que o indivíduo possui de si mesmo e do modo como ele estabelece relações interpessoais (Markus & Kitayama, 1991). O objetivo deste trabalho é entender como o modelo de *self* e as metas de socialização são compartilhadas entre mães com diferentes níveis sociais e econômicos e de diferentes gerações. Para isso, foi adotado como perspectivas teóricas o conceito de cultura de Tooby e Cosmides (1995) e a concepção de etnoteorias parentais de Harkness e Super (1996a, 1996b). Foi realizado um estudo descritivo e exploratório, de abordagem quantitativa. Participaram da pesquisa 116 mães com diferentes faixas etárias e níveis sociais e econômicos, as quais responderam as escalas de *self* autônomo e relacional (Kagitçibasi, 2007), a escala de metas de socialização (Keller et al., 2006) e um questionário sociodemográfico. As escalas de *self* foram mensuradas a partir do modelo proposto por Kagitçibasi (2007), as escalas de metas de socialização foram analisadas levando em consideração duas dimensões: autonomia e relacionamento e os dados sociodemográficos foram tratados de acordo com o *Four Factor Scale* de Hollingshead (1975). Os resultados indicaram que a maioria dos participantes foi enquadrada no modelo de *self* autônomo relacional. Entre as mães mais jovens, prevaleceu o modelo de *self* autônomo separado, enquanto que entre as mães com idade mais avançada houve uma maior aderência ao modelo de *self* autônomo relacional. Ao comparar o modelo de *self* entre as mães de diferentes níveis sociais e econômicos, não foram obtidas diferenças significativas. No que se refere às metas de socialização, houve um maior compartilhamento das metas relacionais pelas mães que estudaram por menos tempo e pelas mães com menor renda. Houve correlações entre os modelos de *self* e as metas de socialização; no entanto, como as correlações foram fracas, os resultados permitem afirmar que há uma congruência parcial em relação à teoria dos modelos culturais, a qual indica haver um certo padrão ao relacionar os modelos de *self* às metas de socialização. A pesquisa realizada contribuiu para a discussão de conceitos que, embora sejam amplamente discutidos, ainda carecem de estudos empíricos.

**Palavras-Chave:** Etnoteorias, modelos de *self* e metas de socialização



## ABSTRACT

Ethnotheories are defined as an organized set of ideas regarding child development, care and parenting practices, including socialization goals, desires and expectations regarding the future of a child and the most effective way to create it (Harkness and Super, 1996a). Sometimes, ethnotheories have been studied together with the concept of *self* model, which is defined as a product of the representations that the individual has of him*self* and how he establishes interpersonal relationships (Markus & Kitayama, 1991). The objective of this study is to understand how the model of *self* and socialization goals are shared between mothers with different social and economic levels and different generations. Therefore, it was adopted as the theoretical perspectives of the culture concept (Tooby & Cosmides 1995) and the concept of parental ethnotheories (Harkness & Super 1996a, 1996b). It was conducted a descriptive study, using a quantitative approach. The participants were 116 mothers who varied in age and with different social and economic levels, which responded to the scales of autonomous *self* and relational *self* (Kagitçibasi, 2007), the scale of socialization goals (Keller et al., 2006) and a sociodemographic survey. The scales of *self* were measured from the model proposed by Kagitçibasi (2007), the scales of socialization goals were analyzed taking into account two dimensions: autonomy and relationship, and the sociodemographic data was treated according to the Four Factor Scale of Hollingshead (1975). The results indicated that most participants were included on the relational model. Among the younger mothers, the prevailing *self* model was autonomous separate while between the older mothers was a greater adherence to the autonomous relational *self*. A comparison of the model of *self* among mothers of different social and economic differences was not obtained. With regard to the socialization goals, there was a greater sharing of relational goals by mothers who are less educated and for mothers with lower incomes. Correlations were observed between the models of *self* and socialization goals, however, the correlations were weak, the results indicate that there is a partial congruence in relation to the theory of cultural models, which suggests a certain pattern that relates the *self* models to the socialization goals. The research contributed to the discussion of concepts, although widely discussed, still lacks of empirical studies.

**Keywords:** Ethnotheories, *self* models and socialization goals.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Nicho de Desenvolvimento (Super & Harkness, 1997, p.26).....	33
Figura 2 – Diagrama do modelo de self de Kagitiçibasi (2001, p.10).....	48
Quadro 1 Comparação entre as escalas de <i>self</i> autônomo e <i>self</i> relacional proposta por Kagitiçibasi e as traduções e adaptações realizadas.....	57
Quadro 2 - Comparação entre as concepções de <i>self</i> de acordo com Keller (2007) Kagitiçibasi.....	96

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estado civil, local de nascimento e religião a depender do grupo etário.....	70
Tabela 2 - Nível social e econômico, grau de escolaridade do pai e da mãe e renda per capita por faixa etária.....	72
Tabela 3 - Valor percentual e médio das variáveis: número de filhos, tem irmãos e número de pessoas que residem em uma casa por faixa etária das participantes. ....	74
Tabela 4 - Frequência do modelo de <i>self</i> das participantes de acordo com o método de mensuração proposto por Kagitçibasi (2007).....	78
Tabela 5 - Comparação entre a frequência do modelo de <i>self</i> por dois métodos distintos de mensuração: método proposto por Kagitçibasi (2007) e análise de cluster.....	80
Tabela 6 - Frequência dos modelos de <i>self</i> por faixa etária e nível social e econômico de acordo com a análise de cluster.....	82
Tabela 7 - Frequência entre modelo de <i>self</i> a depender do local de nascimento...	84
Tabela 8 - Distribuição percentual da distância familiar por NSE.....	85
Tabela 9 - Correlação entre os modelos de <i>self</i> autônomo, relacional e metas de socialização.....	87
Tabela 10 - Correlações entre modelos de <i>self</i> autônomo e relacional, metas de socialização autônomas e relacionais, nível social e econômico e escolaridade...	91
Tabela 11 - Média dos escores nas escalas de <i>self</i> e metas por idade, NSE e renda.....	92

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	14
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	21
2.1 O conceito de cultura.....	21
2.2 A perspectiva de nicho de desenvolvimento.....	28
2.3 Etnoteorias parentais.....	34
2.4 Modelos culturais prototípicos: individualismo X coletivismo (I-C).....	41
<b>3. MÉTODO.....</b>	52
3.1 Problema de pesquisa e objetivos.....	52
3.2 Objetivo geral.....	52
3.3 Objetivos específicos.....	52
3.4 Delineamento metodológico.....	53
3.5 Local e participantes.....	54
3.6 População e amostra.....	55
3.7 Instrumentos.....	55
<b>3.7.1 Escala de <i>self</i> autônomo e relacional de Kagiticibasi (2007).....</b>	56
<b>3.7.2 Escala de Metas de Socialização (Keller et al, 2006).....</b>	60
<b>3.7.3 Questionário sociodemográfico.....</b>	61
<b>3.7.4 Four Factor Scale (Hollingshead, 1975).....</b>	61
3.8 Procedimentos de coleta de dados.....	64
3.9 Procedimentos de análise de dados.....	65
3.10 Procedimentos éticos da pesquisa.....	68
	70

<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	
4.1 Caracterização da amostra.....	70
4.2 Caracterização da amostra em relação ao modelo de <i>self</i> .....	74
4.3 Modelos de <i>self</i> e metas de socialização.....	86
4.4 Modelo de <i>self</i> , metas de socialização em mães de diferentes gerações e níveis sociais e econômicos.....	90
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	95
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
REFERÊNCIAS.....	107
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO I.....	114
ANEXO II.....	116
ANEXO III.....	117
ANEXO IV.....	118
ANEXO V.....	119

## 1. INTRODUÇÃO

Em qualquer cultura, os pais desejam criar os seus filhos da melhor forma possível. Eles concebem ideias, crenças e assumem práticas de cuidado que consideram importantes para o desenvolvimento da criança. Essas crenças são as mais diversas e podem variar em relação à cultura e ao momento histórico vivenciado. Nos Estados Unidos, por exemplo, os pais normalmente desejam que os seus filhos sejam independentes e autônomos. Criam a expectativa de que, tão logo completem dezoito anos, os filhos morem sozinhos e sejam autossuficientes. Em outros países, como no Japão, a obediência e a manutenção de relações familiares harmônicas são aspectos bastante valorizados; os pais esperam que os seus filhos, mesmo em idade adulta, sejam os seus companheiros e estabeleçam ao longo de sua vida relações estáveis e estreitas com os seus familiares (Azuma, 1986; Rothbaum, Pott, Azuma, Miyake, & Weisz 2001).

As diferenças no modo de pensar entre os japoneses e americanos refletem um conjunto de ideias compartilhadas por membros de um determinado contexto. Tais concepções estão inscritas em modelos culturais prototípicos, definidos como um conjunto organizado ideias em torno de um tema específico (D'Andrade, 1992). Os modelos culturais refletem valores, crenças e atitudes de um grupo. Há dois modelos culturais mais conhecidos: o modelo cultural do individualismo e do coletivismo, os quais podem ser prototipicamente representados pelos ideais presentes na cultura ocidental e oriental (Hofstede, 1980; Triandis, 1995).

Os modelos culturais englobam as diferentes concepções, crenças e valores compartilhados por um grupo social. Eles refletem ideias implícitas, as quais orientam o modo como o indivíduo se comporta em diferentes situações da vida cotidiana. Os

modelos culturais, portanto, indicam o modo como as pessoas pensam sobre diferentes temáticas, incluindo as concepções dos pais acerca do cuidado com os seus filhos. É neste sentido que os modelos culturais estão relacionados com o conceito de etnoteorias parentais, pois influenciam no conjunto de crenças e valores que os pais adotam em relação ao modo que devem criar os seus filhos, isto é: nas etnoteorias parentais (Meléndez, 2005).

Por etnoteorias parentais entendem-se as concepções dos membros de uma comunidade sobre o desenvolvimento infantil, os cuidados e práticas parentais e as metas de socialização. Cada um desses elementos interage com os demais de modo a direcionar o processo de criação das crianças (Meléndez, 2005; Seidl-de-Moura et al., 2004).

As pesquisas de Kagitçibasi (2007) que analisam a influência dos modelos culturais – individualismo e coletivismo - e do modelo de orientação de *self* – independente e interdependente - nas metas de socialização indicam os seguintes resultados: indivíduos de culturas coletivistas normalmente vivem em um ambiente onde a economia é de subsistência, tendem a apresentar um modelo de *self* caracterizado como heterônimo-relacional ou interdependente, valorizam metas de socialização voltadas para a obediência e para o bom comportamento; há o respeito à hierarquia e aos papéis sociais. Contrariamente, indivíduos de culturas consideradas como individualistas, assumem um modelo de *self* autônomo-separado, ou simplesmente, independente, com metas de socialização voltadas para a autonomia e para o autoaperfeiçoamento.

Haveria ainda uma posição intermediária, normalmente apresentada por países em situação de desenvolvimento econômico e tecnológico, como é o caso do Brasil e da

maior parte dos países da América Latina. Nesses contextos, os indivíduos tenderiam a assumir um modelo de *self* descrito como autônomo relacional, com metas de socialização simultaneamente voltadas para a autonomia e para o relacionamento (Kagitçibasi, 2007).

Estudos realizados com o objetivo de entender a influência dos modelos culturais nas metas de socialização indicam resultados controversos. Palácios e Moreno (1996), por exemplo, demonstram que as crenças parentais não variam apenas em função dos níveis culturais – individualismo e coletivismo – prevalentes em um país ou em uma comunidade, mas a depender da condição socioeconômica dos indivíduos. A partir dessa mesma perspectiva, Keller (2007) e Kagitçibasi (2007) indicam a influência de diversos fatores nas crenças maternas, tais como: índice socioeconômico, tipo de economia, desenvolvimento tecnológico, tamanho populacional do país onde o indivíduo está inserido.

A mesma linha de raciocínio é utilizada pelas pesquisas nacionais. Sachetti, (2007), Martins (2009), Kobarg e Vieira (2008) e Seidl-de-Moura et al. (2008) indicam que o índice socioeconômico, tamanho populacional e o ambiente rural ou urbano influenciam nas crenças e nas práticas parentais. Moinhos, Lordelo e Seidl-de-Moura (2007), por sua vez, evidenciam que as crenças e práticas podem variar em função do nível de escolaridade das mães.

Complementar a essas pesquisas, o estudo de Seidl-de-Moura et al. (2008) analisa o modelo de *self* e as metas de socialização em diferentes estados brasileiros. A pesquisa demonstrou que, apesar de o modelo de *self* dos brasileiros ser predominantemente considerado como autônomo relacional, a seguinte tendência pode ser observada: quanto maior o índice socioeconômico, o nível de escolaridade ou o



tamanho populacional, as mães tendem a desejar que os seus filhos sejam mais autônomos. Em uma relação inversa, indivíduos com nível socioeconômico mais baixo e menor nível de escolaridade tendem a valorizar o respeito e as obrigações sociais.

A partir dos estudos empíricos realizados nessa área é possível notar uma convergência dos dados no que se refere às dimensões que caracterizam os diferentes modelos culturais. Todavia, algumas críticas são constantemente elaboradas por estudiosos do tema. Earley e Gibson (1998) e Kagitçibasi (1996), por exemplo, indicam que as dimensões que definem os modelos culturais continuam inespecíficas. Não há um aprofundamento teórico que permita explicar cada um dos atributos e padrões que caracterizam o conceito. Essa imprecisão pode ser traduzida por meio da seguinte afirmativa: “Os modelos culturais podem acabar sendo utilizados para explicar muitos fenômenos sem necessariamente explicar nenhum deles” (Kagitçibasi, 1996, p. 9).

As dimensões tornam-se ainda mais difíceis de serem definidas ao consideramos que cultura é um fenômeno extremamente complexo. A variabilidade comportamental pode ser encontrada tanto entre indivíduos de um mesmo país, como entre indivíduos de países diferentes, o que torna difícil a sistematização dos resultados (Sinha & Tripathi, 1994).

Acrescenta-se a esse fato, a escassez de pesquisas realizadas em diferentes contextos. Normalmente, os trabalhos são desenvolvidos na Ásia, América do Norte e, eventualmente, na Europa, sendo poucos os estudos realizados na América Latina. Como consequência, este último contexto é explicado por meio de modelos pré-existentes, sem aprofundamento nas particularidades e especificidades do local. É por essa razão, que autores como Keller et al. (2006), Kagitçibasi, (1996) e Triandis (1994),

ênfatizam a necessidade em realizar pesquisas nos países latino-americanos, como é o caso do Brasil.

A essas considerações acrescenta-se ainda o fato de que autores que pesquisam esse assunto divergem na concepção do modelo de *self*, especificamente aquele supostamente predominante na realidade brasileira – o *self* autônomo relacional. Para Keller (2006), o modelo de *self* autônomo relacional caracteriza-se como uma etapa de transição entre dois modelos culturais prototípicos: a interdependência e a independência. A mesma linha de raciocínio é utilizada por Greenfield (1999), que afirma que o modelo de *self* autônomo relacional é predominante em culturas onde a população era de caçadores-coletores, mas que gradativamente se desenvolveu e tornou-se um modelo de sociedade mais complexa, o que contribuiu para uma mudança na estrutura cognitiva e para a predominância de um modelo de *self* mais independente.

De acordo com essa perspectiva, os modelos de *self* tenderiam a progredir - na medida em que há avanço econômico e tecnológico - da interdependência à independência, tendo o *self* autônomo relacional como uma possível etapa intermediária. Essa concepção se distingue da perspectiva Kagitçibasi (2007), que afirma que o *self* autônomo relacional é qualitativamente distinto dos demais. Para a autora, entender o *self* autônomo relacional como produto dos dois modelos culturais prototípicos – independência e interdependência – é analisar o modelo a partir de uma concepção prévia, sem compreender as suas peculiaridades; é como se os autores analisassem a cultura a partir de um modelo linear, sem entender os fatores que caracterizam o contexto específico (Kagitçibasi, 2007).

Nesse sentido, de acordo com Kagitçibasi (2007) os modelos de *self* são definidos por duas dimensões: a agência e a distância familiar. O primeiro conceito se

refere à capacidade dos indivíduos em tomarem as suas decisões. Já a distância interpessoal se refere à necessidade dos indivíduos em se manterem próximos ou afastados dos membros de sua comunidade.

A divergência entre os autores em relação à concepção de *self* permite problematizar o modelo cultural de *self* autônomo relacional: é possível afirmar a existência de um modelo transitório no qual os indivíduos tenderão a variar do *self* autônomo relacional para o *self* independente, tal como sugerido por Keller (2007) Greenfield (1999)? O conceito de *self* é composto por duas dimensões, as quais ao serem combinadas podem originar quatro modelos de *self*, tal como propõe Kagitçibasi (2007)? Ao avaliar o modelo de *self* em indivíduos de diferentes gerações é possível indicar certa continuidade no que se refere às metas de socialização? Sob quais aspectos essa continuidade ou descontinuidade é observada? Como fatores, sociais e econômicos podem influenciar no modelo de *self* e nas metas de socialização dessas mães?

No Brasil ainda não foram realizadas pesquisas com o objetivo de entender o modelo de *self* autônomo relacional em mães de diferentes gerações. Entretanto, pesquisas internacionais, como a de Lamm et al. (2008), demonstram que há certa estabilidade nas etnoteorias parentais ao comparar indivíduos de diferentes gerações em comunidades da zona urbana e rural da Índia e dos Camarões. Nessa pesquisa, os autores perceberam que os indivíduos mais jovens apresentavam um maior índice de independência quando comparados aos indivíduos com maior faixa etária, o que pode ser um indicativo de uma tendência dos indivíduos em direção ao modelo cultural mais independente.

Nesse sentido, o presente trabalho também tem o interesse de analisar, além das diferenças entre as gerações, como os fatores sociais e demográficos podem influenciar

nos modelos culturais prototípicos de *self* e nas metas de socialização. O objetivo é analisar como se caracteriza o modelo de *self* e as metas de socialização em mães de diferentes gerações e status social e econômico. Para isso, participaram desta pesquisa 116 mães com idade entre 25 a 40 anos e a partir de 50 anos e de diferentes níveis sociais e econômicos.

Acredita-se que esta pesquisa pode contribuir para o melhor entendimento de conceitos importantes constantemente abordados nas pesquisas nacionais e internacionais sobre etnoteorias parentais: o modelo de *self* em uma perspectiva ortogonal, tal como proposto por Kagitçibasi (2005, 2006, 2007) e o conceito de metas de socialização; ela pode contribuir ainda para entender os processos de transição cultural e indicar as tendências futuras em relação aos valores assumidos pelas mães em relação ao processo de criação dos seus filhos. A pesquisa permite ainda entender como a concepção de modelos culturais se aplica à realidade brasileira, contexto latino-americano e, portanto, ainda pouco estudado. (Keller et al., 2006; Kagitçibasi, 1997 e Triandis, 1994).

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O conceito de cultura

As mães que residem na zona rural de Camarões, ao interagir com os seus filhos de apenas três meses de idade, costumam jogar as crianças para cima e suspendê-las pelos braços. Para elas, parece normal que as crianças realizem este movimento. No entanto, quando as mães germânicas veem um retrato das camaronesas brincando com os seus bebês, elas se surpreendem negativamente, pois acreditam que tal comportamento pode danificar a estrutura óssea da criança. As mães camaronesas, por sua vez, estranham ao ver fotos de mães germânicas conversando com os seus filhos e não entendem o motivo da conduta, pois para as camaronesas, os bebês em tenra idade seriam incapazes de entender a fala de suas mães (Keller, 2003). A realidade indica a diferença entre indivíduos de culturas distintas: mães de zona rural dos Camarões e mães de zona urbana da Alemanha. A diversidade cultural pode ser facilmente identificada; no entanto, o conceito de cultura é difícil de ser definido.

De acordo com Danesi e Perron (1999), apesar dos estudos paleontológicos demonstrarem que a cultura é um fenômeno historicamente antigo, o primeiro conceito científico foi cunhado no século XIX, em 1871 por Edward Tylor em seu livro *Primitive Culture*. O autor indica que cultura é um todo complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis costumes e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos a partir da relação entre o indivíduo e os demais membros de uma sociedade. Tylor (1871) acreditava que era possível encontrar elementos universais em qualquer cultura e que as civilizações poderiam se subdividir em estágios de desenvolvimento, os quais variavam desde os mais primitivos aos mais complexos.

Já o conceito de cultura do século XIX foi fortemente influenciado pela publicação de Charles Darwin *The Origin of Species*. Nesse período a cultura era vista como um fenômeno adaptativo, o qual emergia da luta pela sobrevivência por meio de estratégias não biológicas utilizadas pelo ser humano. Entre os teóricos influenciados por esta linha de raciocínio estavam: Tylor, Herbert Spence e Lewis Henry Morgan, autores considerados como socioevolucionistas (Danesi & Perron, 1999).

O socioevolucionismo, por considerar que as culturas estavam hierarquicamente divididas em estágios de evolução, foi muito utilizado para justificar a dominação de grupos considerados como menos civilizados ou primitivos. A teoria foi interpretada de modo a ser utilizada como uma estratégia de dominação política para favorecer a exploração de tribos locais, o regime de escravidão e a realização de guerras (Lesser, 1985).

A reação ao modelo socioevolucionista teve Franz Boas (1858-1942) como seu principal percussor. Surgia assim uma concepção mais relativista de cultura considerada como o relativismo cultural ou a Escola Cultural Americana (Danesi & Perron 1999; Laraia, 2001). Contribuíram com este movimento outros teóricos como, Edward Sapir (1884-1939) Ruth Benedict (1887-1948) e Margareth Mead (1901-1978). Enquanto Sapir (1921) pesquisava sobre a influência da linguagem em uma cultura, Mead (1939-1950) se interessava em entender as a relação entre as práticas parentais no processo de maturação dos indivíduos e Benedict (1934) pesquisava sobre as particularidades existentes na moral, condutas e estilos de vida desenvolvidos por cada cultura (Danesi & Perron, 1999).

Na Escola Cultural Americana o conceito de cultura assumia um paradigma mais relativista. A cultura era entendida a partir de elementos intraculturais e das

especificidades presentes no local (Laraia, 2001). Tal perspectiva ainda está presente no modelo contemporâneo de cultura e exerceu também uma influência em pesquisadores mais contemporâneos, como Geertz (1989), o qual assume que cultura deve ser compreendida partir das redes de significados, pois está inserida em um sistema simbólico, que deve ser interpretado hermeneuticamente. Nesse sentido, a cultura deve ser entendida como um texto a ser interpretado e, portanto, não deve ser medida e nem comparada a estágios de evolução, mas analisada a partir do próprio contexto onde os indivíduos estão inseridos (Geertz, 1989).

De acordo com Tooby e Cosmides (1995) o modelo antropológico atual – considerado pelos autores como Modelo Padrão das Ciências - ainda adota uma concepção relativista de cultura. Tal concepção, embora esteja preocupada em entender os elementos intraculturais, ignora que em qualquer cultura há fenômenos universais que também precisam ser analisados. É neste sentido que Tooby e Cosmides (1995) afirmam que o modelo Padrão das Ciências Sociais não é capaz de articular os conhecimentos produzidos nas ciências naturais às ciências sociais.

A partir do Modelo Padrão das Ciências Sociais, as variações de cada cultura são exclusivamente traduzidas por meio de uma circularidade, segundo a qual é a cultura que explica a própria cultura. A diferença entre as mães germânicas e camaronesas no tratamento que elas dão aos seus filhos, por exemplo, seria explicada apenas em decorrência do contexto onde elas estão inseridas; há a atribuição de uma causalidade aleatória e a cultura torna uma condição necessária e suficiente para o entendimento das diferenças no comportamento das pessoas em diferentes contextos (Tooby e Cosmides, 1995)

A concepção de Tooby e Cosmides (1995, p.27) se distancia desse paradigma; os autores problematizam o Modelo Padrão das Ciências Sociais a partir do seguinte questionamento: *se é a cultura que cria o indivíduo, o que cria a cultura?* Na tentativa de responder a questão, Tooby e Cosmides (1995) consideram que para o entendimento da diversidade entre as culturas é necessário compreender o processo de adaptação das espécies. Por adaptações entendem-se os mecanismos criados pela seleção natural com o objetivo de resolver problemas de sobrevivência decorrentes de pressões ambientais presentes ao longo da vida do indivíduo. O processo de adaptação ocorre a partir do modelo da chave e da fechadura, em que pressões ambientais podem realizar mudanças nos substratos e, caso estas mudanças sejam selecionadas, elas são reproduzidas ao longo das gerações.

O processo de adaptação envolve, portanto, uma interação entre fatores biológicos e ambientais. O contexto onde o indivíduo está inserido exerce uma importante influência na seleção do conjunto de genes que expressam uma característica específica (Tooby & Cosmides, 1995). Cada característica é selecionada a partir do processo de seleção natural e reflete uma determinada função. As unhas de felinos, por exemplo, são bastante afiadas, pois as garras do animal são importantes para a caça; o olfato dos cachorros também é aguçado, pois esta característica assumiu uma função importante no processo evolutivo da espécie. Contrariamente, as características disfuncionais a um ambiente específico, também tendem a desaparecer, como é o caso do apêndice humano.

Há a influência da epigenética, ou seja, há a interação de fatores genéticos e não genéticos, os quais produzem um efeito nas células que controlam a manifestação dos genes responsáveis por produzir no indivíduo determinados fenótipos (Hall, 1992). O



estudo da epigenética não se restringe ao estudo dos genes, mas ao estudo de todos os outros componentes que regulam a expressão dos genes (Jablonka & Lamb, 2002). Há exemplos que podem ilustrar a relação entre a biologia, o ambiente e a manifestação de características específicas; é o caso da temperatura ambiental, que pode definir o gênero no crocodilo ou do tipo de mel ingerido pelas abelhas, que define se ela será uma abelha rainha ou operária (Tooby & Cosmides, 1995; Lordelo, 2010).

A relação biologia e cultura não influenciam apenas na manifestação de características fisiológicas, há também mecanismos psicológicos ou programas cognitivos, presentes na espécie humana, que sofrem um efeito dessa interação. O modo como os indivíduos se adequam ao ambiente depende de um aparato biológico, o qual será responsável para que o indivíduo julgue o jeito mais adequado de agir em uma determinada circunstância. Os mecanismos psicológicos são ainda responsáveis pela reprodução e imitação de comportamentos, análise de uma situação, resolução de um problema e para a modificação de padrões comportamentais (Tooby & Cosmides, 1995). Como exemplo de mecanismos psicológicos, é possível citar o modo como o ser humano armazena e processa informações, a necessidade dos animais em estabelecer vínculos – o apego – (Bowby, 1969) e a preferência dos bebês humanos por faces de sua mesma espécie (Fantz, 1961).

Entender os mecanismos psicológicos é importante para a compreensão da cultura, a qual não deve ser analisada apenas como um ambiente no qual o indivíduo está inserido e por meio do qual ele assimila passivamente o conjunto de regras e condutas de um determinado local. A cultura deve ser entendida a partir da relação entre o indivíduo e o ambiente, sendo que os mecanismos psicológicos são mediadores dessa interação. É por meio dos mecanismos psicológicos que o ser humano é capaz de

analisar os recursos disponíveis no ambiente, no seu organismo e de produzir estratégias para inventar um instrumento e transformar uma cultura (Tooby e Cosmides, 1995).

Ao analisar a cultura por meio dessa perspectiva, o indivíduo não vem ao mundo como uma *tabula rasa* a ser formado e moldado passivamente pela cultura, mas nasce com um aparato biológico, o qual será responsável para que ele analise a cultura a partir dos recursos ambientais presentes (Tooby & Cosmides, 1995). Para o entendimento da interação entre a mente humana e o ambiente em questão, há conceitos importantes que precisam ser definidos, pois compõem a concepção de cultura de Tooby e Cosmides (1995): metacultura, cultura evocada e cultura epidemiológica (Tooby & Cosmides, 1995; Lordelo, 2010)

A metacultura é constituída pela interação do aparato biológico e fisiológico com a população, o ambiente físico e cultural. O conceito é definido como um conjunto de elementos universais que se apresentam de um modo regular em qualquer cultura; o sentimento de luto ao morrer um ente querido é um exemplo de metacultura, pois é um fenômeno universal, apresenta uma regularidade ambiental e está presente em qualquer contexto. Apesar da universalidade do fenômeno, há peculiaridades que se apresentam a depender do local, população, ambiente físico e cultural do indivíduo (Tooby & Cosmides, 1995).

O modo como o indivíduo concebe a morte é um exemplo de metacultura em decorrência da universalidade do fenômeno. Em várias culturas a morte é interpretada por como uma etapa transitória, um rito de passagem, um transporte ou uma travessia (Giacoia, 2005). Há ritos diferenciados para solenizar o encerramento de uma vida, os quais podem variar a depender do período histórico e da cultura onde o indivíduo está inserido. No entanto, há elementos similares que são apresentados em qualquer cultura.

Entre povos mesopotâmicos, por exemplo, havia muito cuidado com o corpo da pessoa que havia morrido; ele era enterrado juntamente com os pertences do defunto e com a sua comida predileta. Os cemitérios não poderiam ser violados, pois era o que separava o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Atualmente, uma sociedade ocidental, a morte também é considerada como um ritual de passagem, os cemitérios são ambientes que, de um modo geral, são respeitados, assim como as pessoas falecidas (Giacoina, 2005).

Outro conceito importante na teoria de Tooby e Cosmides (1995) é o de cultura evocada, descrito por Lordelo (2010, p. 59) como: “semelhanças entre as pessoas de um mesmo grupo e diferenças entre pessoas de grupos diferentes, geradas por mecanismos psicológicos funcionalmente organizados, de conteúdo específico, ativados por circunstâncias locais”. A interação entre os mecanismos psicológicos e o ambiente específico produzem respostas semelhantes entre indivíduos que vivenciam em ambientes físicos diferentes, mas com clima, vegetação, relevo similares. Assim, indivíduos que vivem próximos aos rios ou mares costumam desenvolver ferramentas semelhantes para a pesca de peixes ou mariscos. É ainda possível citar que mães da zona rural independentemente do país onde elas estão inseridas, tendem a adotar práticas e crenças similares em relação ao processo de criação dos seus filhos.

O terceiro componente do conceito de cultura de Tooby e Cosmides (1995) é classificado como cultura reconstruída, cultura adotada ou cultura epidemiológica. Os indivíduos a partir das observações realizam inferências e elaboram representações acerca do mundo social onde vivem. Tais representações são compartilhadas socialmente e são extremamente importantes para a criação de instrumentos ou ferramentas, as quais podem exercer um impacto no mecanismo psicológico do

indivíduo. A invenção da escrita, por exemplo, permitiu que houvesse no ser humano uma reformulação do modo de armazenamento de informação.

Há na concepção de cultura de Tooby e Cosmides (1995) a interação entre a metacultura, cultura evocada e reconstruída possibilita uma flexibilidade adaptativa. O indivíduo, por meio dos mecanismos psicológicos, analisa os elementos presentes na cultura permitindo que eles criem novas ideias, transmitam o conhecimento e modifiquem uma cultura. Há assim, um processo de transmissão cultural que não ocorre de modo passivo, muito pelo contrário, o indivíduo exerce uma função ativa na reformulação de uma cultura e dos paradigmas existentes, o que permite que haja uma plasticidade comportamental, decorrente do processo de interação entre os mecanismos psicológicos e o ambiente físico, psicológico, social em que o indivíduo está inserido, isto é pelo seu nicho de desenvolvimento (Tooby & Cosmides, 1995).

## 2.2 A perspectiva de nicho de desenvolvimento

Constantemente, teóricos de diferentes áreas do conhecimento pesquisam sobre a influência de fatores biológicos e ambientais na constituição do ser humano. Esse tema é estudado por filósofos, psicólogos e teólogos. A relação entre o biológico e o cultural é também debatida na psicologia do desenvolvimento por meio de um dilema bastante conhecido: o processo de interação entre “nature” e “nurture” (Jahoda, 2002)

O conceito de *nature* se refere ao que é inato – natural, àquilo que o indivíduo possui desde o seu nascimento, o qual foi adquirido por meio de um processo de

transmissão genética. O segundo conceito – *nurture* - expressa o que o ser humano adquire pelo processo de interação com o meio ambiente. O inato ou biológico e o ambiental ou cultural são fatores que influenciam no processo de desenvolvimento humano, os quais não podem ser estudados separadamente (Jahoda, 2002).

Múltiplas são as facetas que perpassam a interação entre aspectos ambientais e biológicos, pois há uma miríade de fatores que influenciam no desenvolvimento do indivíduo, tais como aspectos sociais, ambientais, culturais e biológicos. Entre as perspectivas teóricas que estudam essa interação, é possível citar o modelo de nicho de desenvolvimento proposto por Super e Harkness (1986).

A teoria de nicho de desenvolvimento formulada por Super e Harkness (1986) foi influenciada pelas pesquisas transculturais de John e Beatrice Whiting (1975), autores que pesquisaram os valores e as crenças dos pais em seis diferentes contextos de criação. Para a fundamentação teórica do conceito, Super e Harkness (1986) utilizaram os conhecimentos da ecologia, antropologia cultural e psicologia.

Na ecologia biológica, o conceito de nicho se refere ao modo de vida de cada espécie em seu habitat natural. Na antropologia, por sua vez, essa terminologia foi utilizada com o objetivo de estudar como ocorre o processo de socialização entre os adultos em seu contexto específico; similarmente, na psicologia, o “nicho de desenvolvimento” é definido como ambiente de desenvolvimento da criança (Harkness e Super, 1996a).

O conceito de nicho de desenvolvimento é composto por três subsistemas específicos que interagem entre si, influenciam e são influenciados pela cultura local. O primeiro subsistema do conceito de nicho de desenvolvimento é caracterizado pelo

ambiente físico e social da criança. O segundo é caracterizado pelos costumes de cuidado e de criação destinado à criança e compartilhados pela comunidade. Já o terceiro subsistema se refere à psicologia dos cuidadores, incluindo os valores, as crenças voltadas para a criança e o seu desenvolvimento (Harkness & Super, 1996a e Harkness & Super, 1996b).

Entre os elementos que compõem o ambiente físico da criança, é possível citar a área geográfica em que o indivíduo está inserido, o relevo, vegetação, clima, se a criança vive na zona urbana ou rural e até mesmo os perigos e oportunidades que fazem parte do seu contexto. O ambiente social, por sua vez, envolve as pessoas que frequentemente convivem na rotina diária da criança, como os pais e cuidadores (Harkness e Super, 1996a e Harkness & Super, 1996b).

Um exemplo que ilustra a influência do ambiente físico no desenvolvimento da criança pode ser obtido a partir dos resultados da pesquisa de Greenfield (2002) realizada nas tribos do Zinacantec, no México. A autora identificou que neste local as crianças apenas começavam a andar com um ano e seis meses de idade; o que poderia ser considerado como um desenvolvimento tardio é justificado em decorrência do ambiente em que elas estão inseridas. As casas nas tribos de Zinacantec possuem lareiras; se as crianças comessem a andar muito cedo, iriam explorar o ambiente e poderiam se queimar. Assim, para as mães de Zinacantec, os seus filhos apenas devem aprender a andar após terem o domínio da linguagem.

Ao utilizar os dados da pesquisa de Greenfield (2002) para exemplificar os elementos que integram o primeiro nicho de desenvolvimento da teoria de Harkness e Super (1996a) e Harkness e Super (1996b), é possível citar a lareira e a arquitetura da

casa como elementos que compõem o ambiente físico da criança e os familiares e ou pessoas que interagem com os bebês como parte do seu ambiente social.

O ambiente físico e social influenciam nas práticas de cuidado e na regulação dos costumes da criança, tais como nas rotinas habituais, práticas de amamentação ou de regulação do sono e os rituais complexos, variáveis que integram o segundo subsistema da teoria de nicho de desenvolvimento proposta por Harkness e Super (1996a, 1996b).

Como exemplo de elementos presentes no segundo subsistema, é possível citar o modo como mães alemãs criam os seus filhos. Para elas, é importante utilizar um método denominado como os “3 R’s” da educação infantil: o descanso (*rest*), a rotina (*regelmaat*) e a limpeza (*reinheid*) (Harkness & Super, 2005). Tal prática pode ser descrita como um ritual e é adotada para permitir que as crianças sejam capazes de sustentar a sua atenção por longos períodos de tempo e para que elas estejam adequadas à rotina dos seus pais (Harkness & Super, 2005).

É possível notar que as práticas de criação das mães germânicas, além de expressar os cuidados e as rotinas diárias, refletem as crenças que as mães compartilham em relação aos seus filhos. É nesse sentido que também estão relacionadas com o terceiro subsistema da teoria de nicho de desenvolvimento Harkness e Super (1996a, 1996b), o qual envolve a psicologia dos cuidadores, as crenças parentais, os valores e as metas de socialização assumidas por membros de uma comunidade na criação de crianças.

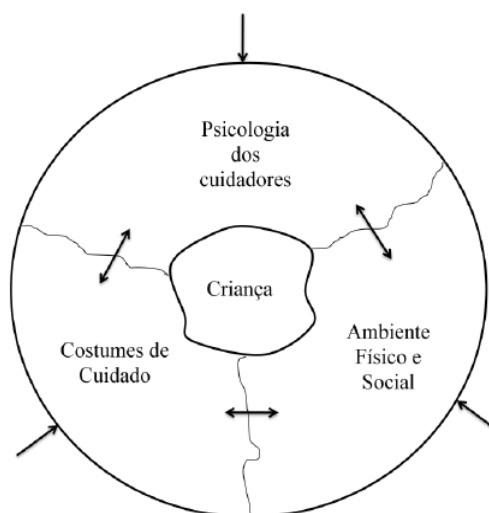
O terceiro subsistema da teoria de nicho de desenvolvimento é mediado pelo contexto onde o indivíduo está inserido. Abrange os desejos e as expectativas que os

membros de uma comunidade possuem em relação ao futuro da criança ou simplesmente, as características que desejam que os seus filhos apresentem ao crescer: que eles sejam obedientes, inteligentes, seguros e independentes, apenas para citar alguns exemplos (Harkness & Super, 1994 e Super & Harkness, 1986,1997).

Nesse sentido, é possível indicar que o modelo teórico de nicho de desenvolvimento proposto por Super e Harkness (1986) enfoca o modo como os contextos de desenvolvimento são culturalmente organizados, levando em consideração a configurações da vida cotidiana, os costumes e práticas de cuidado e a psicologia dos cuidadores. O construto é constantemente utilizado com o objetivo de analisar os vários aspectos de desenvolvimento infantil, bem como entender a variabilidade cultural em relação ao modo como os pais pensam sobre os seus filhos, sobre o desenvolvimento, e como eles se organizam em termos de estratégias e práticas educacionais (Harkness & Super, 1994 e Super, Keefer & Harkness 1994).

É importante ressaltar que cada um dos subsistemas descrito por Harkness e Super (1996a,1996b) estão intimamente relacionados; eles interagem entre si e influenciam na maneira como a criança será educada. É possível elucidar a interação entre os nichos de desenvolvimento a partir da seguinte síntese: as crenças dos pais ou dos cuidadores em relação ao cuidado destinado às crianças são mediadas pelo contexto social e estruturadas em modelos culturais implícitos, os quais direcionam as atitudes e estratégias utilizadas para melhor educar uma criança (Harkness & Super, 1994 e Super & Harkness, 1986, 1997). Cada um destes elementos compõe o ambiente onde o indivíduo está inserido, e, portanto, influencia e é influenciado pelo desenvolvimento da criança. Tal relação pode ser ilustrada a partir do esquema proposto por Harkness e Super (1997, p. 26):





*Figura 1:* Nicho de Desenvolvimento (Super & Harkness, 1997, p.26)

Na Figura 1 Super e Harkness (1997 p. 26) demonstram a relação entre três subsistemas que compõem a noção de nicho de desenvolvimento. Ao analisá-lo, é possível notar que a criança ocupa o papel central e é envolvida pelos três subsistemas, os quais influenciam mutuamente no processo de desenvolvimento. Cada subsistema funciona como um “sistema aberto”, por meio do qual há uma interação entre o indivíduo e o seu ambiente. A criança deverá se adaptar aos recursos e às condições fornecidas pelo seu meio, ao mesmo tempo em que ela deverá agir de modo a transformar o local onde vive, o qual pode se modificar em função das características psicológicas das crianças, dos seus pais e dos membros da comunidade.

Os três subsistemas exercem influência no processo de desenvolvimento da criança em seu contexto ecológico e variam em função de contextos específicos, pois os membros de uma comunidade poderão transformar as crenças e as práticas que julgam adequadas para a criação de infantes, tema constantemente estudado por meio das etnoteorias parentais (Super & Harkness, 1986, 1997).

## 2.2 Etnoteorias parentais

Os pais criam expectativas, desejos e anseios em relação ao futuro da sua prole. Eles consideram que devem adotar determinadas estratégias educacionais para que os seus filhos sejam crianças educadas ou simplesmente independentes. Quando o tema é a criação, todos possuem concepções e assumem valores que consideram como importantes. Há uma multiplicidade de opiniões emitidas pelo senso comum, por revistas ou até mesmo por periódicos científicos. Elas evidenciam as condutas que devem e as que não devem ser tomadas, com o objetivo de se melhor educar uma criança.

As concepções podem ser distintas, ou até mesmo divergentes, podem variar a depender da cultura ou do país onde o indivíduo está inserido, mas por mais diferentes que possam parecer, elas possuem algo em comum: todas elas acreditam que existe uma maneira mais correta ou um jeito mais natural de se criar um filho. Para Harkness e Super (1999) é justamente esse um dos elementos que caracteriza o conceito de etnoteorias parentais.

As etnoteorias parentais são definidas por Harkness e Super (1996a) como um conjunto organizado de ideias, que podem ser explícitas ou implícitas, as quais estão presentes no cotidiano, nos juízos de valor e nas atitudes tomadas pelos pais ou pelo educador quando eles criam ou educam uma criança. As etnoteorias parentais abrangem as concepções dos pais em relação ao desenvolvimento infantil, metas de socialização e crenças sobre as práticas e os cuidados parentais. Cada um desses elementos que compõem as etnoteorias parentais exerce uma relação de influência mútua e direciona as

atitudes dos pais em relação à criação dos seus filhos (Meléndez, 2005 e Seidl-de-Moura et al., 2004).

Essas ideias – etnoteorias - são compartilhadas em maior ou menor grau pelos membros da família de uma comunidade ou de uma cultura. Elas advêm do senso comum ou de noções psicológicas populares e são transmitidas ao longo das diferentes gerações por meio de um processo de transmissão cultural (Harkness & Super, 1996a; 1996b).

A transmissão cultural poderá assegurar a manutenção ou a transformação das crenças parentais. Esse processo pode ocorrer em um nível vertical ou horizontal. No nível vertical, as crenças são modificadas lentamente, pois elas são transmitidas de geração em geração pelos próprios membros de uma comunidade ou de um grupo social. O mesmo não acontece quando o processo ocorre em um nível horizontal. Nesse caso, as crenças se modificam rapidamente, são transmitidas entre os indivíduos de uma mesma geração e amplamente divulgadas por especialistas, pediatras ou até mesmo pelos meios de comunicação em massa (Lamm, Keller, Yovsi & Chaudhary, 2008).

As crenças parentais exercem influência no modo como as futuras gerações se comportarão em relação ao processo de educação de crianças. Elas podem mudar a depender de variáveis macroestruturais, tais como o contexto econômico, social e político. Elas também influenciam e são influenciadas por fatores microestruturais, como características da criança, costumes e características psicológicas dos adultos (Rosenthal, 2000 e Rosenthal & Roer-Strier, 2001).

Nesse sentido, muitos fatores poderão contribuir para as mudanças ou para a manutenção das crenças parentais. Kagtisbaçi (2005, 2007) e Keller (2007), por

exemplo, indicam a correlação existente entre as crenças parentais e o desenvolvimento econômico e tecnológico. À medida que um país se desenvolve, há modificações nas etnoteorias parentais e no modo como os pais se relacionam com os seus filhos. Estudos também demonstram que as crenças parentais são influenciadas pelo nível de escolaridade, índice socioeconômico, tipo de economia, entre outros fatores (Harkness & Super, 2006 e Harwood, Schoelmerich, Schulze, & Gonzalez, 1999). É nesse sentido que Keller (2007) afirma que as etnoteorias podem servir como uma das principais explicações para o entendimento das diferenças culturais, pois elas influenciam e são influenciadas pelo contexto onde o indivíduo se insere.

Esses elementos indicam a importância de se compreender as etnoteorias parentais para entender o ambiente de desenvolvimento da criança, por consequência, elas permitem o entendimento de diferentes processos que constituem o indivíduo, tais como o modo como eles se relacionam, estabelecem futuros vínculos e desenvolvem competências (Greenfield, Keller, Fuligni & Maynard, 2003).

Goodnow (1992, 1996) sistematiza quatro principais razões para o estudo das etnoteorias parentais: a) as ideias parentais são uma interessante forma de cognição e desenvolvimento do adulto, b) mostram um caminho para ajudar a compreender as ações dos pais, c) são um aspecto do contexto de desenvolvimento da criança e d) podem indicar direções nos processos de transmissão cultural.

Para o estudo das etnoteorias parentais, é importante definir alguns conceitos estruturais, tais como: valores, crenças, sistema de crenças, ideais e cognições parentais. De acordo com Rokeach (1973), valores são definidos como crenças duradouras sobre um modo específico de conduta ou sobre uma condição última de existência. Essas

crenças são consideradas como preferíveis em detrimento aos modelos de crenças antagônicos.

Os valores podem ser socialmente compartilhados, refletem as crenças de um indivíduo como a do seu grupo social. Os valores são considerados como estáveis, uma vez que são aprendidos de um modo absoluto. Eles são capazes de direcionar as decisões, pois ao assumir um valor, necessariamente são rejeitados os valores opostos ao valor assumido (Rokeach, 1973). O conjunto de valores é conceituado como sistema de valor, ou seja, um conjunto organizado de modelos de conduta ou de uma finalidade última de existência, as quais se agrupam formando um *continuum* de importância (Rokeach, 1973).

As crenças, por sua vez, estão associadas às informações que se têm sobre um determinado objeto e as atitudes de avaliação deste objeto. A partir dessa perspectiva, as crenças não são apenas cognições ou esquemas cognitivos, mas pressuposições e ações capazes de provocar um efeito no objeto da crença. Por consequência, os sistemas de crenças são considerados como conjuntos de avaliações acerca de um objeto da crença (Rokeach, 1973).

Embora muitos autores façam alusão ao termo crenças, Goodnow e Colins (1990), pesquisadores referenciados no estudo das etnoteorias parentais, preferem adotar a terminologia ideias, pois as ideias não se configuram como sistemas rígidos; elas assumem um ideal de transformação, uma vez que podem ser modificadas ao longo do tempo. A falta de consenso entre essas terminologias pode implicar em imprecisões conceituais e metodológicas.

Para elucidar a diferença entre os conceitos de crenças e sistemas de crenças, é possível citar o seguinte exemplo: um indivíduo pode conceber a seguinte sentença como verdadeira: “é importante que a mãe amamente o seu filho”. Essa afirmativa implica concepções similares, tais como: “o leite materno é importante para o desenvolvimento do bebê” ou “a amamentação cria um vínculo entre a mãe e o bebê”. A integração dessas crenças e de outras formaria um sistema de crenças sobre a importância da amamentação.

Neste trabalho será adotada a terminologia “sistema de crenças” ou etnoteorias parentais para indicar que as crenças sobre o cuidado parental são estruturadas em modelos culturais, os quais direcionam - ainda que implicitamente - os julgamentos, as escolhas e decisões dos pais ou dos cuidadores em relação ao processo de criação de crianças.

O termo modelos culturais advém da antropologia cognitiva e indica um conjunto organizado de ideias compartilhadas por membros de um grupo cultural (D’Andrade, 1992 e Quinn & Holland, 1987). Os modelos culturais representam determinados padrões comportamentais que traduzem as crenças, os valores, as atitudes dos indivíduos de um determinado grupo. O modelo cultural é, portanto, um conceito mais abrangente, que engloba a noção de etnoteoria; se a etnoteoria é, essencialmente, o sistema de valores e crenças a partir do qual os pais criam seus filhos, o modelo cultural consiste no sistema de valores e crenças que perpassam vários tipos de relacionamento, os quais não se restringem às relações parentais (Keller, 2007; Harkness et al., 2001 e Suizzo, 2002, 2007).

De acordo com Keller et. al. (2006) e Greenfield et al. (2003), os modelos culturais podem influenciar diferentes aspectos do desenvolvimento humano, tais como

a formação do vínculo – o apego, o padrão de orientação do *self* e as metas de socialização. Estudar os modelos culturais é importante devido ao impacto que eles assumem no processo de socialização e no desenvolvimento da criança (Vieira et al., 2010). De uma forma análoga, o estudo dos diferentes fatores que compõem as etnoteorias parentais é relevante, pois o modo como as crenças são organizadas pode influenciar na criação dos filhos, na formação da personalidade do infante e no seu desenvolvimento (Harkness & Super, 1992, 1996a).

Todavia, o próprio conceito de etnoteorias é bastante amplo, englobando diferentes crenças, valores e atitudes sobre as múltiplas temáticas que circunscrevem o contexto de desenvolvimento da criança. Em decorrência da amplitude do tema, este trabalho abordará apenas um entre os múltiplos componentes presentes nas etnoteorias parentais – as metas de socialização, conceito constantemente estudado em associação com a concepção de modelos culturais.

As metas de socialização fazem parte do terceiro subsistema do conceito de nicho de desenvolvimento formulado por Harkness e Super (1996a,1996b). As metas de socialização são descritas como os anseios, desejos e expectativas dos pais em relação ao futuro dos seus filhos. Elas refletem os valores, as crenças e opiniões compartilhadas por um grupo social sobre o jeito correto da criança ser ou agir (Miller & Harwood, 2001; Leyendecker et al., 2002; Suizzo, 2002 e Keller, 2007). Os modelos de criança ideal assumidos pelos pais ou por uma sociedade influenciam no processo de socialização e, por consequência, no processo de socialização da criança.

Como um dos componentes das etnoteorias parentais, as metas de socialização podem variar a depender de fatores como o índice socioeconômico, grau de escolaridade dos pais, gênero da criança, sexo dos pais, entre outros fatores (Harkness &

Super, 2006a; Harwood et al., 1999 e Palácios & Moreno, 1996). As metas de socialização são compartilhadas em maior ou menor grau por um grupo social e se organizam de um modo específico – em modelos culturais - os quais revelam traços e características presentes em uma sociedade (Miller & Harwood, 2001; Leyendecker et al., 2002 e Suizzo, 2002).

As pesquisas evidenciam uma relação entre os modelos culturais e as metas de socialização. Harwood (2001), ao comparar as metas de socialização entre as americanas e porto-riquenhas, identificou que as mães americanas valorizavam metas de autoaperfeiçoamento e se preocupavam mais com o aprimoramento das capacidades individuais de seus filhos, enquanto as mães de porto-riquenhas assumiam metas de socialização voltadas para a obediência e para o bom comportamento.

A pesquisa de Keller, et al. (2007), por sua vez, evidencia as diferenças entre as mães chinesas e euro-americanas. A autora afirma que os chineses, por serem mais coletivistas, assumem metas de socialização voltadas para o respeito e para as boas maneiras, enquanto os euro-americanos, por viverem em culturas mais individualistas, enfatizam a necessidade de se desenvolver a autonomia das crianças. Resultados similares são ainda encontrados nos trabalhos de Keller H, Borke J e Yovsi (2005) ao comparar as mães da zona rural de Camarões com as mães da classe média da Alemanha, os autores identificaram que as mães Alemãs compartilham metas de socialização voltadas para a independência, enquanto que entre as mães camaronesas prevalece as metas de socialização mais interdependentes.

É nesse sentido que Keller (2007) afirma que os modelos culturais influenciam e definem as metas de socialização, as quais são também mediadoras do contexto social. Para a autora, dois modelos culturais são importantes para a compreensão das metas de



socialização: o modelo cultural de autonomia/independência e o modelo de interdependência e relacionamento. Kagitçibasi (2005, 2007), por sua vez, ao integrar o modelo de *self* – independente e interdependente – ao fator relacionamento, acrescenta uma nova dimensão, um modelo *self* autônomo relacional, considerado como importante para a compreensão das culturas que ocupam uma posição intermediária entre a independência e a interdependência, como é o caso do Brasil.

Cada um dos modelos culturais é mediado pelo ambiente onde o indivíduo está inserido influencia e é influenciado pelas etnoteorias parentais e pelas metas de socialização, interação que será melhor explorada na seção subsequente.

### 2.3 Modelos culturais prototípicos: individualismo X coletivismo (I-C)

Se no século IV a.C, Platão, em seu livro: “A república”, indica a necessidade de os indivíduos subjugarem os seus interesses individuais para direcionarem as suas escolhas para aquilo que é bom e justo, os ensinamentos sofistas (séc. V a.C) afirmam que os indivíduos devem defender os seus próprios interesses. Se de um lado, Platão considera que o ser humano, para governar uma nação, deve ser honesto, por outro lado, os sofistas valorizam a sagacidade e a inteligência, pois consideram que a justiça é o direito do mais forte (Nader, 2006).

É possível notar que o platonismo e o sofismo refletem diferentes princípios, valores e filosofias de vida, as quais traduzem modos mais individualistas ou coletivistas de se interpretar uma realidade. As discussões evidenciadas por sofistas e

platônicos não se restringem aos antepassados gregos. No renascimento e no iluminismo, é possível citar nomes de filósofos como: Adam Smith, com o seu livro *A Riqueza das Nações*, Descartes, David Hume, entre outros teóricos da época, os quais valorizam o livre arbítrio e a autonomia. E, por outro lado, houve também filósofos que valorizavam a importância da coesão social e da união do grupo para o bem estar da comunidade, ideia que envolve a noção de sacrifício individual para o favorecimento do grupo social (Kagitçibasi, 1996).

Entender como o individualismo e o coletivismo se apresentam no decorrer da história é importante, pois é possível notar que esses padrões podem ser encontrados em diferentes contextos e culturas, o que pode ser uma evidência do argumento utilizado por Kagitçibasi e Berry (1989) e Triandis (1996), os quais afirmam que padrões individualistas e coletivistas podem ser considerados como tendências universais.

Se o individualismo e o coletivismo sempre foram temas abordados por filósofos de diferentes gerações, na psicologia um dos principais trabalhos que abordou as dimensões de cultura em relação ao coletivismo e ao individualismo foi conduzido por Hofstede (1980). Ao pesquisar a cultura organizacional da IBM, avaliando os valores dos empregados, identificou quatro fatores primordiais para o entendimento de cultura: individualismo vs coletivismo, distância do poder, aversão à incerteza e masculinidade. Para Hofstede (1980) o individualismo foi definido como a tendência dos indivíduos de dirigir os seus comportamentos a partir de escolhas individuais, sem levar em consideração o interesse do grupo. O coletivismo, por sua vez, foi definido como a tendência do indivíduo em valorizar os interesses do grupo em detrimento das escolhas individuais.

Triandis et al. (1986) ao replicarem o estudo de Hofstede (1980) em quinze diferentes países identificaram quatro fatores que definem a cultura como individualista ou coletivista. Os indicadores de culturas coletivistas foram: a integridade familiar e a interdependência. Enquanto que os indicadores do modelo cultural individualista foram a autoconfiança e a separação do endogrupo.

É possível estabelecer comparações entre o modelo de Triandis, Leung, Villareal e Clark (1985) e o de Hofstede (1980). Um estudo correlacional entre estes dois modelos permitiu a formulação de atributos definidores de culturas individualistas e coletivistas. Para a classificação do individualismo foram adotadas as seguintes dimensões: distância entre o endogrupo, desapego emocional e a competição. Os definidores de coletivismo, por sua vez, foram: família, integridade e solidariedade (Triandis, 1990). Os estudos indicam que, em culturas individualistas há uma menor coesão grupal e a valorização da competição, enquanto que culturas coletivistas há uma maior aproximação entre o endogrupo, uma maior integridade familiar e as pessoas tendem à cooperação (Triandis et al., 1985 e Triandis, 1990)

A partir desses estudos, Triandis et al. (1985) propôs terminologias que pudessem ser utilizadas para a dimensão individual; foi assim que ele sugeriu que se adotasse os termos *idiocentrismo*, a fim de representar os indivíduos que adotam atitudes mais autônomas e o *alocentrismo*, para representar os indivíduos que normalmente se comportam de modo a se sacrificar para favorecer o seu grupo social. Se o individualismo e o coletivismo se referem à dimensão cultural, o *idiocentrismo* e o *alocentrismo* se referem a uma dimensão individual (Triandis et al., 1985).

Há uma variação cultural que depende de como os indivíduos assumem os seus princípios, filosofias de vida, no modo como as informações estão dispostas no

ambiente e na forma como eles organizam essas informações (Triandis, 1989). Indivíduos de uma mesma cultura tendem a compartilhar um esquema de crenças, atitudes, definição de *self*, normas, regras e valores. O modo como os indivíduos organizam esses elementos em torno de um tema específico define o fenômeno entendido como modelos culturais (D'Andrade & Strauss, 1992).

Os modelos culturais são organizados de um modo a expressar um conceito definido por Triandis (2002) como síndrome cultural. O termo síndrome é adotado, pois há certa organicidade no modo como as pessoas de um mesmo grupo social compartilham um conjunto de crenças referente as normas, regras, definições de *self*, atitudes (Triandis, 2002). Os conjuntos de crenças compartilhados por um grupo estão agregados aos valores da população e indicam os modelos que os indivíduos julgam como corretos ou incorretos, sendo tolerados apenas alguns desvios as normas. As tendências apresentadas pelo grupo podem ser traduzidas em termos de dimensões de variação cultural; o individualismo e o coletivismo; são apenas duas das mais importantes síndromes culturais (Triandis, 1996).

De acordo com Triandis (1996) as sociedades individualistas ou coletivistas podem variar em função da simplicidade ou complexidade de uma cultura (o quanto ela se difere em termos de economia de subsistência ou de avanço tecnológico); o grau de rigidez de uma cultura quando há muitas regras comportamentais e não se toleram os desvios a essas regras e, contrariamente, o grau de flexibilidade cultural, em que há uma tolerância aos desvios realizados as normas estabelecidas socialmente. De um modo geral, é possível identificar que culturas individualistas tendem a apresentar maior complexidade e rigidez; enquanto que culturais coletivistas tendem a ser mais simples e flexíveis.

Para Markus e Kitayama (1991), o modelo cultural - seja ele individualista ou coletivista – poderá influenciar em diferentes aspectos da cognição, emoção, motivação e no padrão de orientação do *self*, sendo este definido como um produto das relações interpessoais. Markus e Kitayama (1991) descrevem dois modelos de *self*: o *self* independente, descrito como: autocontido, individual, independente, com definições claras entre os indivíduos e os membros de um grupo social; e o *self* interdependente definido pelos fatores baixa distância interpessoal e relacionamento. No *self* independente, os indivíduos acreditam na singularidade, cada pessoa é única, com atributos internos, cujos sucessos e fracassos são explicados por meio de características individuais. Já no *self* interdependente, os indivíduos se consideram como parte de uma estrutura orgânica de um corpo social. As habilidades e competências do indivíduo são entendidas como parte de um contexto específico; o sucesso ou o fracasso, portanto, dependem dos fatores situacionais e não de atributos inerentes ao sujeito (Markus & Kitayama, 1991)

A estruturação entre essas dimensões culturais permitiu que Kagitçibasi (1996, 2005,2007) propusesse a estruturação de dois conceitos importantes: o modelo I-C normativo e o I-C relacional. No modelo IC normativo a variação cultural é explicada em termos de uma dimensão cultural, a qual varia em graus de individualismo e coletivismo. O I-C relacional, por sua vez, enfatiza a relação do indivíduo com os demais membros de um grupo, referindo-se, portanto, a uma dimensão individual.

O modelo I-C relacional permitiu o crescimento das pesquisas elaboradas por psicólogos e antropólogos com o objetivo de entender a influência dos modelos culturais no modelo de orientação do *self* (Kagitçibasi, 1996 e Greenfield et al., 2003). Kagitçibasi (1996, 2005, 2007), ao estudar o *self* mediado por mudanças de contextos

familiares e pelo índice socioeconômico, sugere que o modelo de *self* não se restringe a uma posição dicotômica, que varia apenas em termos de independência e interdependência, tal como propõem Markus e Kiatayama (1991); para Kagitçibasi (2006, 2007), o *self* é definido por duas dimensões: agência e distância interpessoal, as quais se subdividem em mais duas. A distância interpessoal varia em termos de proximidade e distância; e a agência varia em níveis de autonomia e heteronomia. A conjunção das dimensões agência e distância interpessoal podem formar quatro modelos de *self*, descritos como: autônomo-separado, autônomo-relacional, heterônomo-relacional e heterônomo-separado, o último ainda pouco estudado pela literatura.

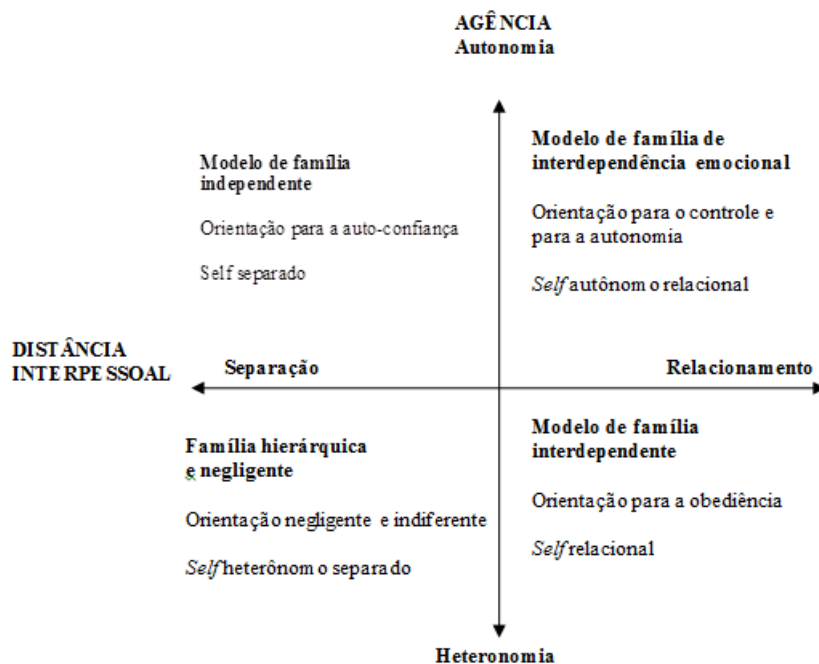
Por agência entende-se o sentido de autoeficácia, isto é, a direção do indivíduo a um resultado desejado; esse conceito é uma sobreposição do conceito de autonomia subjacente e se refere à capacidade do indivíduo em direcionar as suas atitudes para um determinado fim. A agência é orientada por dois polos: a autonomia e a heteronomia. A autonomia consiste na capacidade do indivíduo em tomar as suas próprias decisões, levando em consideração prioritariamente os seus interesses individuais. O conceito de heteronomia, por sua vez, descreve a capacidade de ser governado por meio das regras sociais e direcionar as suas escolhas em função dos interesses do grupo. Esse conceito se aproxima com a concepção de moral heterônoma, nos termos estabelecidos por Piaget (Kagitçibasi, 2005).

A distância interpessoal é definida pela relação de aproximação ou distanciamento que os indivíduos estabelecem com membros de uma comunidade. Os indivíduos são separados quando há uma alta distância interpessoal. Em contrapartida, baixa distância interpessoal caracteriza um relacionamento estreito entre os indivíduos e os membros de uma comunidade (Kagitçibasi, 2007).

Outro conceito importante de ser definido é o de controle. O controle pode ser exercido por meio de uma relação vertical ou horizontal. O controle vertical é centralizado e hierárquico, e assume uma distinção clara entre os papéis sociais. Em contrapartida, o controle horizontal é exercido de modo dialógico, as regras são amplamente discutidas entre os membros sociais, independentemente do grau de hierarquia existente nas relações interpessoais (Kagitçibasi, 2007).

As dimensões definidas por Kagitçibasi (2007) como agência (autonomia e heteronomia), o controle (vertical e horizontal) e a distância interpessoal (separação e relacionamento) ilustram a correlação existente entre os modelos culturais mais individualistas ou mais coletivistas (I-C normativo) e o modelo de orientação do *self* (I-C relacional). Essa correlação pode evidenciar que o modelo de *self* está intimamente interconectado com a interação do indivíduo com o seu meio ambiente, especialmente a partir da relação que ele estabelece com as sua família.

Com o intuito de ilustrar como a dimensão agência e distância interpessoal se relacionam com os modelos culturais e o tipo de família, Kagitçibasi (2001, 2006, 2007) elaborou o esquema apresentado no seguinte esquema:



*Figura 2:* Diagrama do modelo de self de Kagitçibasi (2001, p.10)

No esquema descrito na Figura 2, Kagitçibasi (2001) indica que no “modelo de família tradicional”, (interdependence family model), as famílias são tipicamente agrárias, com economia de subsistência. Há uma dependência entre os membros do grupo tanto a nível emocional como material. As relações interpessoais são próximas. Há a valorização das regras e da hierarquia, o controle é exercido de modo vertical. Os membros destes grupos enfatizam as metas de socialização voltadas para a obediência e para o respeito, bem como, assumem a importância de se desenvolver relações interpessoais harmoniosas.

Nessa estrutura familiar prevalece o modelo de *self* definido como heterônomo-relacional por Kagitçibasi (1996, 2001, 2006, 2007), o qual se aproxima do modelo de *self* descrito por Keller (2007) como interdependente. Os indivíduos são fundamentalmente conectados aos demais membros de um grupo social, principalmente no que se refere à relação entre o indivíduo e a sua família. Há a valorização dos papéis



sociais e, constantemente, ao se definirem, os membros de uma comunidade fazem referência ao grupo a que pertencem ou aos papéis que assumem. Nesse sentido, quando um pesquisador pergunta a membros de famílias interdependentes questões referentes à sua identidade, eles poderão utilizar frases como: “minha mãe diz que eu sou prestativa”, ou simplesmente: “meu pai acredita que eu sou uma pessoa educada” (Kagitçibasi, 1996, 2005, 2007).

Uma tendência oposta é encontrada por famílias classificadas como independentes, as quais se apresentam predominantemente em modelos culturais individualistas, tipicamente marcadas pelo desenvolvimento industrial e tecnológico. Nesse tipo de família predomina o modelo de *self* caracterizado como autônomo-separado (Kagitçibasi, 2005, 2006, 2007) ou, de acordo com a perspectiva de Keller (2007), modelo de *self* independente. As pessoas são orientadas para a independência e há uma separação entre o indivíduo e o seu grupo social. Ao se descreverem há uma valorização das suas capacidades e competências. Nesse modelo de família, normalmente os pais assumem como metas de socialização a automaximização do indivíduo com o objetivo de assegurar a autoestima do sujeito em desenvolvimento (Harvwood & Miller, 1991 e Keller, 2007).

A posição intermediária entre esses dois modelos de família é o tipo de família do mundo majoritário, descritas como famílias emocionalmente interdependentes. Esse modelo familiar prevalece em países que possuíram um modelo cultural coletivista, mas que ainda vivenciam um processo de desenvolvimento econômico e tecnológico, tais como os países da América Latina, México e até mesmo o Brasil. Nesses ambientes prevaleceria o *self* descrito como autônomo relacional (*relational autonomous self*). Os indivíduos desejam alcançar a independência financeira, mas apresentam uma relação

de dependência emocional, padrão que pode ser explicado devido às relações de proximidade entre o indivíduo e o seu grupo social. Como consequência, as metas de socialização seriam voltadas simultaneamente para a autonomia e para o relacionamento (Kagiçibasi, 1996; 2005; 2007).

Consistente com essa análise, os resultados da pesquisa de Keller et al. (2006) demonstraram que os participantes que compartilhavam um modelo de *self* descrito como independente (Grécia, Alemanha e euro-americanos) obtiveram menores índices na escala de alocentrismo<sup>1</sup> familiar e assumiam metas parentais voltadas à autonomia. Por outro lado, os indivíduos com o modelo de *self* interdependentes (zona rural dos Camarões e zona rural de Gujarat na Índia) apresentaram escores mais altos na escala de alocentrismo, com metas de socialização voltadas para a heteronomia. Os participantes que compartilhavam um modelo de *self* autônomo relacional (China, Costa Rica, Delhi e México) ocuparam uma posição intermediária.

No modelo de Kagiçibasi (2007) a combinação entre as dimensões distância interpessoal e agência, implicaria ainda em conceber outro modelo de estrutura familiar, ainda pouco estudado e ainda sem evidências empíricas – o modelo de *self* heterônimo separado (heteronmous-separated *self*), o qual decorre de uma pressuposição teórica. Neste modelo de estrutura familiar, há um alto índice de separação entre os indivíduos de um grupo, ao mesmo tempo em que os indivíduos apresentariam um elevado grau de subordinação às regras. No modelo de *self* heterônimo separado os indivíduos valorizariam as normas sociais e de hierarquia, desempenhariam um papel de extrema obediência, mas seriam completamente separados do seu grupo social; como exemplo

---

<sup>1</sup> O alocentrismo familiar é caracterizado pela lealdade e solidariedade entre os membros da família.

desta relação poderia citar um regime de completa subordinação, como o escravagista (Kagitçibasi, 2007).

O modelo de *self* é constantemente estudado em relação com as etnoteorias parentais e mais especificamente com as metas de socialização. Estudos como o de Greenfield et al. (2003), Keller et al. (2006), Keller (2007), Kagitçibasi (1996, 2005, 2007), Harkness, Super e Tijen (2000) indicam uma relação entre as metas de socialização e o modelo de orientação de *self*. Para Harkness et al. (2007), essa relação pode ser explicada pelo fato de as metas de socialização estarem circunscritas a um contexto social.

Os modelos culturais são orientações prototípicas, revelando tendências comportamentais, as quais, de acordo com a literatura na área, podem assumir padrões distintos, a depender de fatores como escolaridade, nível social e econômico, faixa etária, tamanho populacional e tipo de economia (Triandis, 1996). Nesse sentido, o presente trabalho buscou caracterizar os modelos de *self* de indivíduos com diferentes níveis sociais e econômicos e com diferentes faixas etárias, com idades entre 25 a 40 anos e a partir de 50 anos. Além disso, objetivou-se identificar a relação entre o modelo de *self* e as metas de socialização apresentadas pelas participantes da pesquisa.

### 3 MÉTODO

#### 3.1 Problema de pesquisa e objetivos

Assumindo que as etnoteorias parentais são transmitidas de geração em geração, o presente trabalho teve como objetivo esclarecer a seguinte problemática: como o modelo de *self* e as metas de socialização se configuram em mães de diferentes gerações e de diferentes status social e econômico? As mães jovens tenderão a apresentar um modelo de *self* mais independente, com metas de socialização voltadas para a autonomia do que as mães com faixa etária mais alta? Como os fatores sociais e econômicos podem influenciar no modelo de *self* e nas metas de socialização de mães de diferentes gerações?

#### 3.2 Objetivo Geral:

Caracterizar os modelos de *self* e as metas de socialização em mães de diferentes gerações e status social e econômico.

#### 3.3 Objetivos específicos:

- Identificar e comparar os modelos de *self* e as metas de socialização em mães de diferentes gerações e status social e econômico, verificando as relações entre essas variáveis.
  
- Verificar as associações entre modelos de *self* e as metas de socialização em mães de diferentes gerações e status social e econômico.

### 3.4 Delineamento metodológico

A presente pesquisa utilizou um delineamento descritivo e exploratório. O estudo descritivo pode ser justificado pela tentativa de caracterizar o modelo de *self* e as metas de socialização entre as mães com idade entre 25 a 40 anos e acima de 50 anos, com diferentes níveis sociais e econômicos. O delineamento do trabalho permitiu também analisar se o modelo de *self* das participantes varia a depender da idade e da condição social e econômica e entender se essas variáveis influenciam nas metas de socialização.

O caráter exploratório da pesquisa decorre da tentativa de entender se há entre os modelos culturais uma organicidade; se é possível indicar uma relação entre o modelo de *self* das participantes e as metas de socialização; se mães que assumem um modelo de *self* mais autônomo tendem a apresentar metas mais autônomas; ou em sentido contrário, as mães com um modelo de *self* mais heterônomo, tendem a apresentar metas de socialização mais voltadas para a obediência, o respeito às normas e à hierarquia.

No presente trabalho, houve também a tentativa de entender o conceito de modelo de *self*, mais especificamente o *self* autônomo relacional. O *self* autônomo relacional é bastante discutido pela literatura, entretanto, há ainda poucas evidências teóricas e empíricas (Kagitçibasi, 2001, 2007). O trabalho contrapõe o modelo de *self* proposto por Kagitçibasi (2001, 2005, 2007) ao modelo de *self* descrito por Keller (2007), explorando possíveis evidências empíricas que indiquem que o modelo de *self* é um construto bidimensional, composto pela agência e distância interpessoal, tal como indica Kagitçibasi (2007), ou se o conceito de *self* é unidimensional, variando em termos de independência e interdependência, como afirma Keller (2007).

As implicações empíricas em relação ao modelo de *self* autônomo relacional também foram discutidas, de modo a entender se prevalece na amostra estudada o pressuposto formulado por Kagitçibasi (2007) segundo o qual entre indivíduos de países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, se estabelece entre os membros do grupo uma relação de autonomia no que se refere à independência material e financeira e uma relação de dependência emocional, refletida na necessidade dos indivíduos em manterem-se próximos um dos outros, a fim de garantir a coesão grupal.

### 3.5 Local e participantes

A pesquisa foi realizada na cidade de Salvador, Bahia, em diferentes bairros da capital. As mães com baixo nível social e econômico residiam em bairros como: Vale das Pedrinhas, final de linha do Garcia, São Cristovão, Suçuarana e Boca do Rio. Já as

mães com o alto nível social e econômico moravam na Pituba, Caminho das Árvores, Graça, Ondina e Barra.

### 3.6 População e amostra

Participaram da pesquisa 116 mães residentes da cidade de Salvador-Ba. As mães foram selecionadas por critério de acessibilidade, por meio de indicação. Poderiam ser selecionadas todas as mães que residissem em Salvador e tivessem idade entre 25 a 40 anos ou acima de 50 anos. É importante ressaltar que as participantes da pesquisa deveriam apresentar diferentes níveis de escolaridade e situação social e econômica, sendo que houve uma tentativa de equilibrar a quantidade de participantes em relação à faixa etária e ao nível social e econômico. Foram excluídas todas as mães que não estavam dentro da faixa etária escolhida e que não residissem na cidade de Salvador.

### 3.7 Instrumentos

Com o objetivo entender como o modelo de *self* e as metas de socialização entre as mães de diferentes níveis sociais e econômicos e faixas etárias foram utilizados os seguintes instrumentos: Escala de *self* autônomo e relacional de Kagitçibasi (2007),

Escala de metas de socialização de (Keller et al., 2006), e um questionário sociodemográfico. Cada um dos instrumentos será descrito na seção subsequente.

### **3.7.1 Escala de *self* autômico e relacional de Kagitçibasi (2007)**

Conforme indicado anteriormente, a concepção de modelo de *self* proposta por Kagitçibasi (2007) assume como pressuposto teórico que o *self* deve ser medido por meio da combinação de duas dimensões: a agência e a distância interpessoal. Enquanto a agência é responsável pela capacidade dos indivíduos em tomar as suas decisões de modo individual, independente; a distância interpessoal se refere à capacidade dos indivíduos em se manterem próximos uns dos outros.

A Escala de *self* autônomo de Kagitçibasi (2007) tem o objetivo de mensurar a dimensão agência. Para isso, foram elaborados nove itens contendo as seguintes afirmações: “Eu me sinto independente das pessoas que são próximas a mim” ou simplesmente, “As opiniões de pessoas que estão próximas a mim exercem uma influência em minhas questões pessoais”.

A dimensão distância interpessoal, por sua vez, é mensurada por meio da Escala de *self* relacional (Kagitçibasi, 2007). A escala é elaborada contendo nove itens com afirmativas como: “Eu preciso do apoio daquelas pessoas que são próximas a mim”, ou “As pessoas que são próximas a mim influenciam muito em minha personalidade”. É importante ressaltar que a autora, embora sustente que os dois construtos são distintos, admite que possam estar correlacionados.



Para a adaptação dos instrumentos à língua portuguesa, as escalas foram traduzidas por meio da concordância entre dois juízes bilíngues. Além das traduções foram realizados ajustes nas escalas; as sentenças negativas foram transformadas em afirmativas e houve a exclusão dos medidores de intensidade. Como exemplo é possível citar a seguinte sentença: “*I do not like a person to interfere with my life, even if he or she is very close to me*”, em que o termo “*I do not like*” foi alterado e o medidor de intensidade “*very close*” foi retirado; a versão traduzida e adaptada deste item foi expressa da seguinte forma: “*Eu gosto quando as pessoas interferem em minha vida, principalmente aquelas próximas a mim*”.

Os ajustes nas escalas foram realizados por considerar que tanto sentenças negativas como os marcadores de intensidade podem confundir o participante ao responder ao questionário, principalmente quando as escalas utilizadas para a mensuração do construto já apresentam uma gradação, como é o caso da Escala do tipo Likert (Babbie, 1999).

A escala do tipo Likert foi utilizada no presente estudo e apresentou cinco níveis, os quais variavam entre: “nem um pouco (1)” a “Completamente (5)”. No Quadro I, é possível comparar as Escalas de *self* autônomo e as Escalas de *self* relacional em inglês, elaboradas por Kagitçibasi (2007) e as escalas adaptadas e traduzidas utilizadas nesta pesquisa.

Kagitçibasi (2007): Escala de <i>self</i> autônomo e relacional	Escala de Kagitçibasi (2007): Escala de <i>self</i> autônomo e relacional, traduzida e adaptada
Escala de <i>self</i> autônomo	
1. People who are close to me have little influence on my decisions.	1. As pessoas que são próximas a mim exercem influência em minhas decisões*

2. I do not like a person to interfere with my life even if he / she is very close to me.	2. Eu gosto quando as pessoas interferem em minha vida, principalmente aquelas próximas a mim.*
3. I feel independente of people who are close to me	3. Eu me sinto independente das pessoas que são próximas a mim
4. I lead my life according to the opinions of people to whom I feel close.(*)	4. Eu levo a minha vida de acordo com as opiniões das pessoas que são mais próximas a mim.*
5. The opinions of those who are close to me influence me on personal issues. (*)	5. As opiniões das pessoas próximas a mim exercem uma influência nas minhas questões pessoais. *
6. While making decisions, I consult with those who are close to me. (*)	6. Ao tomar uma decisão, eu consulto as pessoas que são próximas a mim.*
7. On personal issues, I accept the decisions of people to whom I feel very close (*)	7. Em questões pessoais, eu aceito as decisões das pessoas das pessoas que são próximas a mim. *
8. I usually try to conform to the wishes of those to whom I feel very close (*)	8. Eu geralmente tento estar de acordo com os desejos daqueles que são muito próximos a mim. *
9. I can easily change my decisions according to the wishers of those who are close to me (*)	9. Eu facilmente posso mudar minhas decisões a depender dos interesses daqueles próximos a mim.*
Escala de <i>self</i> relacional	
1. I need the support of persons to whom I feel very close	1. Eu preciso do apoio daquelas pessoas que são muito próximas a mim
2. I prefer to keep a certain distance in my close relationship.(*)	2. Eu prefiro manter certa distância em meus relacionamentos mais próximos. (*)
3. Generally, I keep personal issues to myself. (*)	3. Geralmente eu guardo questões pessoais comigo mesma. (*)
4. The people who are close to me strongly influence my personality.	4. As pessoas que são mais próximas a mim influenciam muito em minha personalidade.
5. I think often of those to whom I feel very close.	5. Eu frequentemente penso naqueles que são próximos a mim.
6. I do not worry about what what people think of me even if they are close to me. (*)	6. Eu me preocupo com o que as pessoas pensam de mim, principalmente aquelas que são próximas
7. Those who are close to me are top priority	7. Aqueles que são muito próximos a mim são minha maior prioridade.
8. My relationship to those who are close to me make me feel peacefull amd secure.	8. Meus relacionamentos com as pessoas próximas me deixa tranquila e segura.

<p>9. I do not share personal matters with anyone, even if very close to me. (*)</p>	<p>9. Eu converso sobre questões particulares com as pessoas, principalmente aquelas muito próximas a mim.</p>
--	--

(\*) Itens invertidos.

*Quadro 1:* Comparação entre as escalas de *self* autônomo e *self* relacional proposta por Kagitçibasi e as traduções e adaptações realizadas para serem utilizadas neste trabalho.

Ao observar o Quadro 1, é possível notar que a escala de *self* autônomo, tal como proposta por Kagitçibasi (2007), é composta por nove itens, sendo que três expressam atitudes de autonomia (1 ao 3) e seis itens expressam atitudes heterônomas (4 ao 9). Já na Escala de *self* autônomo na versão traduzida e adaptada, há nove itens, entretanto, apenas um reflete autonomia: “*Eu me sinto independente das pessoas que são próximas a mim*”; os demais itens são indicativos de comportamentos heterônomos.

Na Escala de *self* relacional proposta por Kagitçibasi (2007) há itens (1,4,5,7 e 8) que expressam um grau de aproximação do indivíduo com o seu grupo social é o caso da seguinte afirmativa: “*I need the support of persons to whom I feel very close*”; os demais itens (2,3,6 e 9) expressam o afastamento do indivíduo com o seu grupo social, como é o caso da assertiva “*I prefer to keep a certain distance in my close relationship*”. O mesmo ocorre na versão traduzida e adaptada, no entanto, enquanto na escala original há quatro itens que expressam o afastamento do indivíduo com o seu grupo social, na escala utilizada por este trabalho apenas dois itens indicam uma

relação de distanciamento interpessoal, como pode ser indicado na seguinte afirmativa:

*“Eu prefiro manter certa distância em meus relacionamentos mais próximos”.*

É importante ressaltar que com os ajustes realizados houve um grau de confiabilidade moderado tanto na escala de *self* autônomo ( $\alpha = 0,73$ ), como na escala de *self* relacional ( $\alpha = 0,686$ ) (Anexo I e Anexo II).

### **3.7.2 Escala de Metas de Socialização (Keller et al., 2006):**

Com o objetivo de avaliar as características que os pais desejam que os seus filhos adquiram ao longo do seu desenvolvimento, foi adotada a escala de metas de socialização elaborada por Keller, et al. (2006). Esta escala já foi adotada tanto no âmbito internacional por Keller et al. (2006), Lamm e Keller (2007), Lamm et al. (2008) como em pesquisas nacionais como as de Marcarini et al. (2010) e Marcarini (2009)

A Escala de Metas de Socialização (Anexo III) indica as características que as crianças deveriam aprender em seus primeiros três anos de vida. A escala é composta por dez itens, sendo que cinco itens expressam valores voltados para metas autônomas ( $\alpha=0,767$ ), tais como: “desenvolver a independência”, “desenvolver a autoconfiança”, “desenvolver o senso de autoestima”, “desenvolver a competitividade” e “desenvolver um senso de identidade”; os demais expressam valores voltados para metas relacionais ( $\alpha=0,691$ ), entre eles: “aprender a controlar as emoções”, “aprender a obedecer os pais”, “aprender a obedecer as pessoas mais velhas”, “aprender a cuidar do bem estar dos outros” e aprender a animar os outros”.

### 3.7.3 Questionário sociodemográfico

As variáveis dependentes do presente estudo foram mensuradas por meio do questionário sociodemográfico. O questionário apresentou sete questões em que as participantes deveriam responder sobre o seu estado civil, nível de escolaridade, religião, local de nascimento, quantidade de irmãos e escolaridade em anos. Além disso, as participantes deveriam também preencher uma tabela indicando informações sobre todas as pessoas que residiam em sua casa. Por meio desta tabela, era possível identificar o número de pessoas que residiam em uma mesma casa, a idade destas pessoas, o papel que ocupavam na família, a ocupação profissional, o grau de escolaridade e a renda mensal de cada integrante da família. Por último, as participantes também deveriam responder sobre a quantidade de filhos e sobre quantos filhos desejariam ter.

### 3.7.4 Four Factor Scale (Hollingshead, 1975):

O questionário *Four Factor Scale* de Hollingshead (1975) surgiu a partir de uma dificuldade encontrada na sociologia: a necessidade em caracterizar a variável nível social e econômico. Para isso Hollingshead (1975) assume como pressuposição a ideia segundo a qual o conceito de nível social e econômico é multidimensional.

Os principais indicadores para mensurar o nível social e econômico a partir da escala de Hollingshead (1975) são: o nível de escolaridade, ocupação profissional, o

sexo e o estado civil. Tais fatores ao ser combinados permitem que o pesquisador estime o nível social e econômico do participante.

Para a mensuração do nível social e econômico, o grau de escolaridade é avaliado a partir do tempo de estudo do indivíduo. No que se refere à ocupação, são atribuídos valores específicos a depender da profissão que o indivíduo exerce. O gênero, por sua vez, é importante para entender o papel que o indivíduo desempenha e o status conjugal do participante, o que indica a estruturação familiar.

Cabe ressaltar que os cálculos realizados para a definição do status social e econômico levam em considerações informações sobre a estrutura familiar e a ocupação dos membros familiares. Há diferentes tipos de famílias, no caso das famílias casadas em que os dois cônjuges desempenhem uma atividade remunerada, o cálculo do nível social e econômico é definido a partir das informações do casal. Há a possibilidade de o indivíduo ser casado e apenas um cônjuge ser empregado, nesse caso, apenas as informações do membro trabalhador são computadas. Em famílias cujos membros são divorciados ou viúvos, a posição social econômica é calculada levando em consideração o principal provedor familiar. Em famílias reconstituídas, os dados do novo parceiro são utilizados para calcular o nível social e econômico. Em indivíduos aposentados, é preciso considerar a profissão que eles possuíam antes de se afastarem da sua atividade profissional.

Para a análise do prestígio ocupacional foi utilizada uma lista com 450 profissões definidas pelo Hollingshead (1975). Para cada profissão é atribuído um peso correspondente ao prestígio profissional, os pesos são distribuídos da seguinte forma: profissionais não especializados (1), profissionais operadores de máquinas (2), trabalhos manuais ou proprietários de pequenos negócios (3), auxiliares de escritórios (4),

agricultores e técnicos (5) fazendeiros e administradores (6), profissionais liberais (7), administradores de médio porte (8) e executivos, advogados e profissionais com alta qualificação (9) (Hollingshead, 1975).

Com o objetivo de analisar o nível social e econômico das mães por meio do Hollingshead (1975), também foi levado em consideração o nível de escolaridade das participantes. A escolaridade foi medida em 7 níveis, os quais variaram entre 1 ensino fundamental incompleto a 7 – ensino superior completo.

Os escores obtidos pela escala de prestígio ocupacional são somados aos escores correspondentes ao nível de escolaridade. No caso de famílias casadas, o escore referente ao prestígio profissional do pai é somado com o escore da mãe e depois multiplicado por cinco. O nível de escolaridade da mãe é somado ao nível de escolaridade do pai e multiplicado pelo peso três; o resultado desse somatório é dividido por dois. Em famílias divorciadas ou que tenham apenas um provedor, o escore da ocupação da mãe ou do pai é multiplicado por cinco e o nível de escolaridade é multiplicado por três, os resultados são apenas somados. Assim, os escores do Hollingshead (1975) podem variar entre 8 a 66.

Os resultados indicam o tipo de categoria profissional característico dos membros responsáveis pela família, isso é, se eles possuem um trabalho não qualificado (1), semi-qualificado ou operadores de máquinas (2), trabalhadores de escritórios, vendas ou artesãos (3), trabalhadores em pequenas e médias empresas (4), trabalhadores de grandes negócios ou profissionais especializados (5).

O Hollingshead (1975), apesar de apresentar vantagens para a identificação do prestígio ocupacional dos indivíduos, apresenta desvantagens, pois valor atribuído para

cada profissão varia a depender do contexto em que o indivíduo está inserido. No entanto, foi adotado o critério estabelecido internacionalmente e o nível social e econômico dos participantes obtido por meio do Hollingshead (1975) foi ponderado por meio da variável renda familiar (Anexo IV).

### 3.8 Procedimentos de coleta de dados:

Para a realização desta pesquisa primeiramente foi realizado um estudo piloto com 10 participantes de diferentes níveis sociais e econômicos. Os participantes do estudo piloto foram questionados se eles apresentavam alguma dúvida ao responder as questões e também se sugeriam alguma modificação no questionário. Entretanto, não houve nenhum ajuste ao instrumento, uma vez que os participantes responderam ao questionário sem demonstrar nenhum tipo de dificuldade.

Para a coleta de dados foram treinadas pessoas do grupo de pesquisa para a aplicação do questionário. Os participantes que tinham o nível de escolaridade mais alto poderiam ser levados para a casa para serem respondidos em outro momento, sem a ajuda do pesquisador. Entre os indivíduos com nível de escolaridade mais baixa, foi necessário que eles respondessem o questionário com a ajuda do pesquisador ou de pessoas que foram treinadas para a aplicação do questionário.

Como procedimento de coleta de dados, primeiramente foi realizada uma apresentação da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa. Após essa breve explicação, os participantes deveriam responder o questionário de *self* autônomo e relacional



proposto por Kagitçibasi (2007); o questionário de metas de socialização de Keller et al., (2006), o questionário sociodemográfico - *Four Factor Scale* de Hollingshead (1975) e assinar o termo de consentimento. O termo de consentimento foi aplicado no final, para que ele não influenciasse nas respostas dos participantes.

### 3.9 Procedimentos de análise de dados

Para o processo de análise de dados houve o tratamento de diferentes variáveis de pesquisa, tais como: o modelo de *self*, o nível social e econômico, o questionário de metas de socialização e questões sociodemográficas, cada uma das etapas relativa ao processo de mensuração dos dados será descrita abaixo.

Em relação à definição do modelo de *self*, a Escala de *self* autônomo foi mensurada adotando o princípio descrito por Kagitçibasi (2007), segundo o qual quanto maior o índice obtido na escala, maior indicador de autonomia; contrariamente, quanto menor o escore obtido maior o nível heteronomia. Todavia, como é possível observar no Quadro 1, há itens que são indicativos de atitudes heterônomas, por isso, na fase de análise, para atender o critério de mensuração proposto, os escores obtidos nestas sentenças foram invertidos.

A Escala de *self* relacional, por sua vez, objetiva medir o grau de proximidade ou distanciamento entre os membros do grupo, sendo que quanto maior o índice obtido na escala, maior a proximidade interpessoal. Todavia, há itens que a concordância do participante expressaria um grau de afastamento do indivíduo com o seu grupo social,

como é o caso da assertiva: “Eu prefiro manter certa distância em meus relacionamentos mais próximos”. Os escores obtidos nestas afirmativas foram invertidos com o objetivo de atender o princípio proposto por Kagitçibasi (2007), segundo o qual quanto maior o grau de concordância, maior a proximidade entre os membros de um grupo.

Para a definição do modelo de *self* das participantes as Escalas de *self* autônomo e relacional foram tratadas de acordo com o modelo proposto por Kagitçibasi (2007): primeiramente foi realizado o somatório dos escores produzidos pelos indivíduos nas escalas de *self* autônomo e nas escalas de *self* relacional. Em seguida, foi identificado o ponto médio da população. Indivíduos que apresentavam um escore acima do ponto médio nas escalas de *self* autônomo e nas escalas de *self* relacional foram considerados como tendo o modelo de *self* autônomo relacional. As mães que apresentarem escores abaixo do ponto médio em ambas as escalas foram enquadradas tendo o modelo de *self* heterônomo relacional. Os indivíduos que apresentaram escores acima da mediana no *self* autônomo e abaixo da mediana no *self* relacional foram classificados como autônomos separados, ou simplesmente, independentes. E, enfim, aqueles que obtiveram escores abaixo da mediana no modelo de *self* autônomo e acima da mediana no modelo de *self* relacional foram classificados como heterônomos separados ou interdependentes.

Após o procedimento anteriormente mencionado foi realizada um tratamento diferenciado dos dados em relação às escalas de *self*; o objetivo foi o de melhor adequar os resultados obtidos nesta pesquisa com o de pesquisas previamente realizadas (Kagitçibasi, 2007). Para isso, as escalas de *self* autônomo e *self* relacional foram submetidas a uma análise de cluster (K-Mean cluster), de modo que fossem definidos

quatro agrupamentos. A quantidade de agrupamentos foi definida a fim de sustentar a pressuposição teórica de Kagitçibasi (2007), segundo a qual há quatro modelos de *self*: autônomo relacional, autônomo separado, heterônomo relacional e heterônomo separado. Para a definição de cada cluster foi utilizado como critério de avaliação a média dos escores obtidos nas escalas de *self* autônomo e *self* relacional.

Ao comparar os resultados obtidos por meio da técnica de mensuração de Kagitçibasi (2007) com a análise de cluster, foi identificado que houve uma maior adequação da análise de cluster aos resultados descritos pela literatura, por isso este método foi adotado para a realização de análises estatísticas.

No que se refere à escala de metas de socialização (Keller et al., 2006), ela foi tratada a partir de dois índices; um correspondente ao somatório dos itens relacionados com as metas de socialização voltadas para o fator relacionamento e o outro composto pelo somatório dos itens cujas metas de socialização estão voltadas para o fator autonomia. Cada um desses escores foi analisado separadamente e indica as opiniões dos pais sobre as características que as crianças deverão desenvolver nos seus três primeiros anos de vida. Os escores obtidos nesta escala foram correlacionados com os resultados obtidos na escala de *self* autônomo e relacional.

Para a definição do nível social e econômico foi utilizada os escores obtidos no *Four Factor Scale*, em seguida foi realizada uma análise de cluster (K-Mean cluster) com dois agrupamentos, os quais foram categorizados como nível social e econômico baixo e nível social e econômico alto. As pessoas com nível social e econômico baixo obtiveram no *Four Factor Scale* escores que variavam entre 8 a 36. Já as mães com nível social e econômico alto apresentaram escores iguais ou superiores a 37. Houve alguns participantes que não informaram dados importantes, o que impossibilitou

calcular o índice de acordo com o modelo proposto por Hollingshead (1975). Nestes casos, para a definição do status social e econômico, foi considerada a renda familiar.

Houve ainda um item construído com o objetivo de mensurar o grau de proximidade familiar. Consistiu em uma única pergunta destinada às mães sobre onde elas desejariam que os seus filhos morassem. A escala variava desde “em minha casa” até “em outro país”. As respostas foram agrupadas em duas categorias de análise. No primeiro agrupamento foram enquadradas as respostas que indicavam que os filhos poderiam morar desde: “em minha casa” até “no seu bairro”; no segundo agrupamento, as mães indicaram que os filhos poderiam morar entre “em sua cidade” até “em outro país” (Anexo 1).

Os dados sociodemográficos foram analisados a partir de estatística descritivas e inferenciais, por meio do cruzamento entre as variáveis dependentes e independentes.

### 3.10 Procedimentos éticos da pesquisa

Primeiramente os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa e da voluntariedade do processo. O participante estava ciente que poderia, em qualquer momento, desistir da sua participação sem que houvesse qualquer sanção. Após explicada as condições, os participantes deveriam preencher os questionários e responder ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo 5), por meio do qual foi firmada as responsabilidades entre as partes envolvidas.

Aos participantes que desejaram participar, foi explicada a natureza da pesquisa, as vantagens e os benefícios da sua participação na pesquisa, bem como foi indicado que a participação era voluntária e que eles poderiam desistir a qualquer momento da pesquisa.

A pesquisa foi submetida Comitê de Ética em Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA e apresenta um risco mínimo, uma vez que todas as mães foram informadas sobre os seus objetivos da pesquisa e também estavam cientes sobre a voluntariedade do processo. Além disso, todas as mães apresentavam idade superior a 18 anos.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### .1 Caracterização da amostra:

Participaram da pesquisa 116 mães com idade entre 25 a 85 anos. Elas foram alocadas em dois grupos equitativos: o primeiro com as mulheres mais novas - entre 25 a 40 anos; o segundo, com as mães de idade mais avançada - acima de 50 anos.

Na Tabela 1, é possível notar que em relação ao status conjugal das participantes, a maioria das mães jovens é casada ou mora com os seus parceiros (65,5%). Neste universo, as solteiras representam 24,1% – entre as quais não há nenhuma viúva. No grupo das mães com idade igual ou acima de 50 anos, um número bastante alto das participantes permanece casada (43,1%). Uma minoria se separou dos seus maridos (15,5%) e algumas perderam seus parceiros (22,4%).

Tabela 1

Estado civil, local de nascimento e religião a depender do grupo etário

	25 a 40 anos	Acima de 50 anos
	%	%
<i>Estado civil</i>		
Solteira	24,1	15,5
Casada ou mora junto	65,5	43,1
Divorciada	10,3	19
Viúva	0	22,4
<i>Local de nascimento</i>		
Interior	13,8	58,6
Capital	86,2	41,4
<i>Tem religião</i>		
Sim	84,2	86,2
Não	15,8	13,8

Estado civil, local de nascimento e religião a depender do grupo etário (*Continuação*)

<i>Qual a religião</i>		
Evangélica	43,5	17,3
Espírita	6,5	11,5
Outras	4,3	7,7
N		116

Ainda na Tabela 1, ao comparar o local de nascimento entre as mães dos diferentes grupos etários, é possível identificar uma diferença importante: a maior parte das mães com idade acima de cinquenta anos nasceu no interior (58,6%); em contrapartida, entre as mulheres com idade entre 25 a 40 anos, a maioria nasceu na capital (86,2%).

É possível notar que, em geral as mães apresentam uma crença religiosa (85,2%). Entre as mães mais novas prevalece o número de católicos (45,7%), seguido de evangélicos (43,5%), espíritas (6,5%) e de pessoas que tem outro tipo de crença religiosa (4,3%). Na população das mulheres com idade superior aos cinquenta anos, há um alto índice de pessoas católicas (63,5%), seguido das evangélicas (17,3%), espíritas (11,5%) e daquelas que apresentam outras religiões (7,7%) (Tabela 1).

Na Tabela 2, no que se refere ao status social das participantes, as mães mais novas possuem um nível social e econômico mais elevado ( $M=37,29$ ;  $DP=17,7$ ) do que as mães com idade mais avançada ( $M=30,08$ ;  $DP=19,93$ ). No grupo das mães mais jovens, 46,6% foram classificadas como tendo um baixo NSE e 53,4% apresentam um alto NSE. Entre as mães com idade igual ou acima de 50 anos, a distribuição foi equitativa, de modo que 50% das pessoas apresentaram um baixo nível social e econômico e o mesmo valor percentual foi apresentado pelas mães com alto nível social econômico.

Tabela 2

Nível social e econômico, grau de escolaridade do pai e da mãe e renda per capita por faixa etária

	<i>25 a 40 anos</i>	<i>Acima de 50 anos</i>
	%	%
<i>Nível Social e econômico</i>		
Baixo NSE	46,6	50
Alto NSE	53,4	50
<i>Grau de escolaridade da mãe</i>	<i>M=13,0</i>	<i>/ M=10,0 / DP= 5,0</i>
	<i>DP=3,5</i>	
0 a 8 anos	8,6	37,9
09 a 11 anos	43,1	31,0
Acima de 12 anos	48,3	31,0
<i>Grau de escolaridade do pai</i>		
0 a 8 anos	15,9	14,3
09 a 11 anos	45,5	28,6
≥ 12	38,6	57,1
<i>Renda per capita</i>	<i>M=1401,0</i>	<i>M=2386,7</i>
	<i>DP=1812,00</i>	<i>DP=2742,3</i>
0 a 1 salário mínimo	49,0	25,0
1 a 2 salários mínimos	17,6	26,9
2 a 4 salários mínimos	11,8	21,2
Acima de 4 salários mínimos	21,6	26,9
N	116	

No que se refere à escolaridade das participantes, as mães mais novas estudaram por mais tempo ( $M=13,4$ ;  $DP=3,51$ ) do que as mães com mais idade mais avançada ( $M=10,0$ ;  $DP=5,02$ ). No grupo das mães mais novas, 48,3 % estudaram entre 12 a 20 anos e 43,1% estudaram entre 9 a 11 anos, sendo que apenas 8,6% da amostra estudou entre 0 a 8 anos. Entre as mães com idade igual ou acima de cinquenta anos, 37,9% estudaram entre 0 a 8 anos e um valor percentual um pouco mais baixo foi igualmente apresentado por mães que estudaram entre 09 a 11 anos e pelas mães que estudaram por mais de 12 anos (31,0%) (Tabela 2).



Ainda na Tabela 2, em relação ao grau de escolaridade paterna, 45,5% dos pais casados com as mulheres mais novas estudou entre 09 a 11 anos. A fração dos pais que estudou por no mínimo 12 anos é de 38,6%. Entre os pais casados com as mulheres de maior faixa etária, a maioria deles estudou por mais de doze anos (57,1%), houve também indivíduos que estudaram entre 09 a 11 anos (28,6%) e entre 0 a 8 anos (14,3%).

Conforme pode ser visualizada na Tabela 2, a renda per capita das participantes variou entre R\$ 0,00 a R\$10.000 reais. A média salarial das mães com idade entre 25 a 40 anos foi menor ( $M=1.401,04$ ;  $DP=1812,03$ ) do que a das mães com idade mais avançada ( $M= 2386,73$ ;  $DP=2742,27$ ). Cabe ressaltar que entre as mães mais novas, há um número representativo de pessoas que ganham entre 0 a 1 salários mínimo (49%) e 21,6% das mães ganham acima de 4 salários mínimos. Em relação às mães com idade mais avançada, o mesmo valor percentual é apresentado pelas mães que ganham 1 a 2 salários mínimos e acima de 4 salários mínimos (26,9%). Uma frequência um pouco mais baixa é apresentada pelas mães que ganham entre 0 a 1 salário mínimo (25,0%) e entre 2 a 4 salários mínimos (21,2%).

Na Tabela 3, é possível notar a caracterização da população amostral pelo modelo familiar. Em geral as mães com idade mais avançada apresentam uma maior quantidade média de filhos ( $M=2,54$ ;  $DP=1,49$ ) do que as mães mais novas ( $M=1,6$ ;  $DP=0,81$ ). As mães com mais idade também possuem um número maior de irmãos ( $M= 5,61$ ;  $DP =4,8$ ) do que as mães mais novas ( $M=3,72$ ;  $DP=2,88$ ). No entanto, a quantidade de pessoas que residem em uma mesma casa é maior entre as mães mais jovens ( $M= 3,09$ ;  $DP=1,25$ ) do que entre as mães com mais idade ( $M=2,71$ ;  $DP=1,45$ ).

Tabela 3

Valor percentual e médio das variáveis: número de filhos, tem irmãos e número de pessoas que residem em uma casa por faixa etária das participantes

	25 a 40 anos	Acima de 50 anos
<i>Número de filhos</i>	$M = 1,6 / DP=0,8$	$M=2,54 / DP= 1,5$
Um	55,2	22,4
Dois	32,8	34,5
Três	10,3	22,4
Quatro ou mais	1,7	20,7
<i>Tem irmãos</i>	$M = 3,7 / DP= 2,9$	$M = 5,61 / DP =4,8$
Sim	96,6	86,2
Não	3,4	13,8
<i>N de pessoas em uma casa</i>	$M= 3,09 / DP=1,3$	$M=2,71 / DP=1,5$
N		116

#### 4.2 Caracterização da amostra em relação ao modelo de *self*

O processo de transformação dos valores culturais ao longo das gerações é mediado por mecanismos psicológicos, estrutura presente no aparato biológico do indivíduo, a qual permite que ele julgue um jeito mais correto ou adequado de agir em um determinado contexto (Tooby & Cosmides, 1995). O indivíduo analisa a realidade onde está inserido, sendo capaz de reproduzir comportamentos ou até mesmo de modificá-los. Ao refletir acerca de uma realidade, há uma interação entre a metacultura, cultura evocada e a cultura reconstituída.

Os elementos metaculturais são os fenômenos universais, característicos a qualquer cultura, independentemente do seu período histórico (Tooby & Cosmides, 1995). A noção de sacrifício individual em favorecimento de um grupo ou a priorização

dos interesses pessoais em detrimento dos interesses coletivos expressam valores universais (Kagitçibasi, 1996). Como tais valores estão relacionados à teoria dos modelos culturais – que subdividem as culturas mais individualistas ou mais coletivistas - há autores como Kagitçibasi (1996), Kagitçibasi e Berry (1989) e Triandis (1996), que sugerem a universalidade desse fenômeno.

Apesar dos modelos culturais serem fenômenos que compõem a metacultura, o conjunto de crenças, valores compartilhados pelos indivíduos depende de como eles avaliam os recursos disponíveis no ambiente e de modo a construir uma cultura (Tooby e Cosmides, 1995). A priorização de interesses mais individualistas ou mais coletivistas vai estar sempre presente em indivíduos de qualquer contexto. No entanto, haverá tendências entre indivíduos de uma determinada população a assumir modelos de *self* mais autônomos ou mais relacionais (Greenfield et al., 2003).

Ao analisar como o modelo de *self* e as metas de socialização se caracterizam em indivíduos de diferentes gerações e diferentes níveis social e econômico, há uma possibilidade em se discutir como fatores circunstanciais - característicos à cultura evocada - podem influenciar no modo como o indivíduo analisa ou reflete acerca de uma determinada realidade. Além disso, permite refletir sobre como as crenças e os valores podem ser transmitidos ou até mesmo reconstruídos e modificados ao longo das gerações (Tooby & Cosmides, 1995)

Há diferentes pesquisas que demonstram a influência de fatores circunstanciais nos modelos culturais e há também concepções diferenciadas entre os autores em relação ao modo como eles analisam a influência de fatores sociais e econômicos no modelo de *self* dos membros de um grupo. Entre as contraposições teóricas, é possível citar o modelo teórico de Keller (2002) e de Kagitçibasi (2007).

Keller (2002), Greenfield (2003) e Keller & Chaudhary (2008), consideram que, com o desenvolvimento econômico, as pessoas tenderiam a apresentar modelos culturais mais voltados para a independência e a estabelecer relações interpessoais mais distantes entre os seus familiares ou amigos mais íntimos. Assim, indivíduos com maior escolaridade ou com uma maior renda tenderiam a apresentar um modelo de *self* mais independente e apresentariam um maior distanciamento em suas relações interpessoais.

Kagitçibasi (2002), por sua vez, considera que, com o desenvolvimento econômico, as pessoas tenderiam a valorizar a independência material e econômica, mas apresentariam uma relação de dependência emocional, caracterizada pela necessidade em estabelecer relações próximas com os seus familiares ou amigos mais íntimos. De acordo com a autora, a valorização da independência econômica e da dependência emocional é o que define o modelo de *self* autônomo relacional, o qual é característico em países em situação de desenvolvimento econômico, como o Brasil.

É possível comparar a perspectiva de Keller (2007) com a de Kagitçibasi (2007). Em relação às similaridades, as duas autoras consideram que, com o aumento do nível social e econômico, os indivíduos tenderiam a valorizar a autonomia e a independência. Entretanto, há diferenças entre as concepções; para Keller (2007), com o desenvolvimento econômico, as pessoas tenderiam a estabelecer relações interpessoais mais distantes; por outro lado, para Kagitçibasi (2007), haveria, nessa situação, uma tendência de os indivíduos preservarem o estreitamento dos laços afetivos.

Após comparar a perspectiva de Keller (2007) com a de Kagitçibasi (2007) é possível elaborar questionamentos importantes para a discussão do presente trabalho: as pessoas mais jovens ou com mais elevado nível social e econômico tenderiam a assumir valores mais autônomos, como afirma Keller (2007) e também Kagitçibasi (2007)?

Conforme indicado por Keller (2007), com o desenvolvimento econômico, as pessoas tenderiam a se distanciar uma das outras, estabelecendo relações interpessoais mais distantes? Ou, como afirma Kagitçibasi (2007), prevaleceria nos países em desenvolvimento, tal como no Brasil, uma tendência entre os indivíduos a apresentar um modelo de *self* autônomo relacional, caracterizado pela valorização da autonomia e da proximidade interpessoal?

A partir destas problematizações, o presente trabalho objetivou entender como o modelo de *self* e as metas de socialização são compartilhadas por mães residentes da cidade de Salvador, de idades e condições econômicas e sociais distintas.

Certas tendências de resultados poderiam ser esperadas a partir desta pesquisa. A primeira delas indicaria que as pessoas mais novas e com maior escolaridade tenderiam a apresentar valores mais autônomos, tal como afirma Keller (2007) e também Kagitçibasi (2007). Todavia, os resultados se aproximariam da concepção de Keller (2007) caso as pessoas mais novas e com maior nível social e econômico apresentassem relações interpessoais mais distantes do que as pessoas mais velhas ou com nível social e econômico mais baixo.

Há ainda a possibilidade de os indivíduos valorizarem a autonomia e estabelecem uma relação mais próxima entre os familiares ou amigos mais próximos. Tais resultados contribuiriam para o modelo teórico de Kagitçibasi (2003), pois a tendência indicaria a prevalência, no Brasil, do modelo de *self* característico dos países em desenvolvimento econômico: o modelo autônomo relacional.

Após levar em consideração uma breve apresentação das questões norteadoras deste trabalho, é possível indicar alguns dos resultados obtidos por meio desta pesquisa.

Inicialmente foi realizada a caracterização da amostra em relação ao modelo de *self*. Para isso, foi utilizado o método de mensuração proposto por Kagitçibasi (2007). Como resultados desta pesquisa, tal como pode ser visto na Tabela 4, foram identificados dois modelos de *self* mais frequentes: o heterônimo relacional (31,9%) e o autônomo separado (31,0%), o que representaria 62,9% da população estudada. Os modelos de *self* menos frequentes foram: heterônimo separado (20,7%) e o autônomo relacional (16,4%).

Tabela 4

Frequência do modelo de *self* das participantes de acordo com o método de mensuração proposto por Kagitçibasi (2007)

<i>Modelo de self</i>	%
Autônomo separado	31,0
Autônomo relacional	16,4
Heterônimo relacional	31,9
Heterônimo separado	20,7
N	116

Os resultados obtidos divergem do modelo teórico proposto por Kagitçibasi (2007). Para a autora, em países em desenvolvimento prevaleceria o modelo de *self* autônomo relacional. No entanto, na população estudada, 16,4% das participantes tiveram aderência a este modelo de *self*, enquanto que 31,9% apresentaram o modelo de *self* heterônimo relacional e 31,0% o modelo de *self* autônomo separado. Outra divergência encontrada é que, segundo Kagitçibasi (2007), o modelo de *self* heterônimo

separado é pouco frequente e improvável de ocorrer em qualquer cultura. Contudo, os resultados desta pesquisa indicaram que 20,7% dos indivíduos foram enquadrados neste modelo de *self* (Tabela 4).

Com o objetivo encontrar uma análise mais congruente com o modelo teórico, foi realizada uma análise de cluster para classificar o modelo de *self* das participantes. Estipularam-se quatro agrupamentos, os quais categorizaram os modelos de *self* previamente definidos de acordo com o modelo teórico proposto por Kagitçibasi (2007), ou seja, os modelos de *self* autônomo relacional, autônomo separado, heterônomo relacional e heterônomo separado.

Na Tabela 5, é possível indicar que, a partir da análise de cluster, dois modelos de *self* prevalecem na amostra estudada: o autônomo relacional (37,9%) e o autônomo separado (33,6%), o que representou 67,5% da amostra. Já os modelos de *self* menos frequentes foram o heterônomo separado (15,5%) e heterônomo relacional (12,9%).

Ao comparar os resultados obtidos nesta pesquisa por meio das duas técnicas de mensuração: a análise de cluster e o método proposto por Kagitçibasi (2006), é possível identificar diferenças entre os resultados, como pode ser observado na Tabela 5.

De acordo com o método de análise proposto por Kagitçibasi (2007), os modelos de *self* de maior frequência foram o autônomo separado (31,0%) e o heterônomo relacional (31,9%); na análise de cluster, por sua vez, prevaleceram os modelos de *self*: autônomo relacional (37,9%) e autônomo separado (33,6%). Outro dado importante a ser destacado é que na análise de cluster houve um menor número de indivíduos apresentou o modelo heterônomo separado indicado como pouco frequente em qualquer cultura (Tabela 5)

Tabela 5

Comparação entre a frequência do modelo de *self* por dois métodos distintos de mensuração: método proposto por Kagitçibasi (2007) e análise de cluster

Modelo de <i>self</i>	Modelo Kagitçibasi		Análise de Cluster	
	N	%	N	%
Autônomo separado	36	31,0	39	33,6
Autônomo relacional	19	16,4	44	37,9
Heterônomo relacional	37	31,9	15	12,9
Heterônomo separado	24	20,7	18	15,5
N			116	

É possível notar que os resultados obtidos por meio da análise de cluster apresentam-se mais congruentes com as pesquisas previamente realizadas. A alta aderência aos modelos de *self* autônomo relacional e autônomo separado pode ser explicada a partir das pesquisas de Kagitçibasi (2001,2005,2007) e de Keller (2007). De acordo com Kagitçibasi (2007) o modelo de *self* descrito como o das pessoas que vivem em países em desenvolvimento é o autônomo relacional. Keller (2007) por sua vez, indica que, com a globalização e com influência da cultura ocidental, há uma tendência entre os indivíduos a assumir modelos culturais mais independentes, o que explicaria o alto valor percentual de pessoas enquadradas no modelo de *self* autônomo separado.

Os resultados são ainda congruentes com as pesquisas realizadas no Brasil. Seild-de-Moura et al., (2008), por exemplo, ao estudar a população brasileira indicam que prevalece neste país - principalmente na região norte e nordeste – o modelo de *self* autônomo relacional. Os autores indicam ainda haver uma tendência das pessoas em



assumir modelos de *self* mais autônomos. Resultados similares são também apresentados na pesquisa de Moinhos, Lordelo e Seild-de-Moura (2007), realizada em Salvador, a qual considera que o modelo de *self* autônomo relacional é comumente apresentado entre as mães soteropolitanas de diferentes status social e econômico.

Ao comparar os resultados realizados por Seild-de Moura et al. (2009) e Moinhos, Lordelo e Seild-de-Moura (2007) com os desta pesquisa, é preciso realizar algumas considerações. As pesquisas de Seild-de-Moura et al. (2009) e a de Moinhos (2007) definiram o modelo de *self* da população estudada por meio do questionário de metas de socialização de Harvwood (1992) e o presente trabalho adotou como instrumento de mensuração do modelo de *self*, as escalas de Kagitçibasi (2007). A utilização de instrumentos diferenciados dificulta a comparação entre os resultados das pesquisas anteriormente realizadas com os dados desta pesquisa. No entanto, não há pesquisas realizadas no Brasil que utilizem as escalas de *self*, tal como propostas por Kagitçibasi (2007).

Em relação ao modelo de *self* e o perfil etário das participantes, é possível notar, a partir da Tabela 6, que o modelo de *self* de maior aderência entre as mães mais jovens é o autônomo separado (46,5%); nesse modelo de *self* as pessoas valorizam a independência e preferem manter uma maior distância em seus relacionamentos interpessoais. Já entre as mães mais velhas, o modelo de *self* que obteve uma maior frequência foi o autônomo relacional (43,1%). De acordo com esse modelo de *self*, as mães desejam tomar as suas decisões de um modo independente, apesar de considerar que devem manter uma maior proximidade entre os familiares ou amigos mais íntimos.

Tabela 6

Frequência dos modelos de *self* por faixa etária e nível social e econômico de acordo com a análise de cluster.

<i>Modelo de self</i>	Faixa etária		Nível social e econômico	
	25 a 40	50 ou mais	Baixo NSE	Alto NSE
	%	%	%	%
Autônomo separado	46,6	20,7	33,9	33,3
Autônomo relacional	32,8	43,1	33,9	41,7
Heterônomo relacional	15,5	10,3	7,1	18,3
Heterônomo separado	5,2	25,9	25,0	6,7
N	58	58	56	60
<i>p</i>	0,020		0,023	

É possível estabelecer uma comparação entre os dados encontrados com os resultados obtidos por Lamm, Keller e Yovsi (2008) ao estudar as etnoteorias parentais entre mães e avós de quatro diferentes contextos de desenvolvimento: Alemanha, Índia e a zona urbana e rural de Camarões. A partir dessa pesquisa as autoras identificaram que os indivíduos mais novos tendiam a apresentar um modelo cultural mais independente do que os indivíduos mais velhos. De acordo com os resultados da pesquisa, tal tendência seria ainda mais característica nos locais onde há a prevalência do modelo de *self* autônomo relacional.

Ainda na Tabela 6, é possível identificar diferenças significativas ao comparar o modelo de *self* entre indivíduos de diferentes status social e econômico ( $p \leq 0,05$ ). No entanto, a diferença ocorre apenas em relação aos modelos de *self* menos frequentes na

amostra: o heterônimo relacional e heterônimo separado ( $p \leq 0,05$ ); não são encontradas diferenças significativas entre os indivíduos de diferente status social e econômico que apresentam os modelos de *self* autônomo relacional e o autônomo separado ( $p \geq 0,05$ ), os quais são os mais frequentes na amostra estudada.

Nesse sentido, entre os indivíduos de baixo nível social e econômico, houve uma maior aderência dos participantes em relação ao modelo de *self* autônomo relacional (33,9%) e o autônomo separado (33,9%), do mesmo modo, uma proporção equivalente foi apresentada pelas mães com elevado nível social e econômico, em que 41,7% das participantes apresentou o modelo de *self* autônomo relacional, enquanto que 33,3% apresentou o modelo de *self* autônomo separado ( $p \geq 0,05$ ).

Ao comparar os indivíduos em relação aos modelos de *self* e a sua condição social e econômica, é possível notar que não há muitas diferenças em relação às pessoas de status social e econômico e os modelos de *self* mais frequentes na população estudada. Estes resultados são similares aos encontrados por Moinhos et al. (2007) que, ao pesquisar sobre o modelo de *self* e metas de socialização em as mães soteropolitanas de diferentes níveis social e econômico, não encontraram diferenças significativas entre os grupos. Tal tendência poderia ser explicada em decorrência do aumento do grau de escolaridade entre os indivíduos de baixo nível social e econômico.

Outro dado importante a ser destacado pode ser visualizado na Tabela 6, a maioria das participantes com o modelo de *self* heterônimo separado - descrito como pouco frequente na literatura e caracterizado como uma relação de completa subordinação - são mais velhas (25,9%) e mais pobres (25%). Este resultado pode indicar que estas pessoas, ainda que assumam relações interpessoais mais distantes,

consideram a importância de priorizar os interesses de um grupo em detrimento dos interesses individuais.

Na Tabela 7, é possível analisar o modelo de *self* em relação ao local de nascimento. Os resultados não indicam diferenças significativas entre indivíduos do interior e da capital. Entretanto evidenciam um resultado interessante: tanto no interior como na capital prevalecem dois modelos de *self* - o autônomo relacional e o autônomo separado. Os resultados estão de acordo com algumas pesquisas realizadas no Brasil. Macarini et al. (2010), ao comparar os modelos culturais entre as mães do interior e da capital de Santa Catarina indicam que independente do local de nascimento, as mães tendem a apresentar a mesma orientação cultural em relação ao mesmo modelo de *self*, o qual foi descrito como *self* autônomo relacional. No entanto, é necessário questionar a medida utilizada por este trabalho, uma vez que não foi adotada nenhum controle em relação a quantidade de anos que a participante viveu no interior ou na capital.

Tabela 7

Frequência entre modelo de *self* a depender do local de nascimento

Modelo de <i>self</i>	Local de nascimento	
	Interior	Capital
	%	%
Autônomo separado	31,0	35,1
Autônomo relacional	40,5	36,5
Heterônomo relacional	7,1	16,2
Heterônomo separado	21,4	12,2
N	42	74
<i>p</i>	0,329	

Há ainda uma questão importante a ser considerada, as mães foram perguntadas sobre onde desejariam que os seus familiares morassem. As respostas poderiam variar desde: “na sua casa” até “em outro país”. A maioria das mães (68,8%), independentemente da idade, nível social econômico ou local de nascimento, desejam que os seus familiares morem perto das suas casas, afirmando que eles deveriam morar entre a sua casa e o seu próprio bairro. Apenas 31,2% das mães indicaram que gostariam que os seus filhos morassem mais longe, nesse caso as respostas variaram desde “em sua cidade” até “em outro país”.

Apesar de uma grande parte das mães considerarem que gostariam que os seus familiares morassem próximos as suas casas, ao comparar o item referente à distância familiar entre indivíduos de diferentes grupos sociais e econômicos, é possível encontrar diferenças. Os resultados, tal como podem ser visualizados na Tabela 8, indicaram que as mães com o nível social e econômico mais baixo apresentam mais interesse que os seus familiares morem próximos das suas casas (78,6%) do que entre as mães com alto nível social e econômico (61,7%) ( $p=0,047$ ), o que pode sugerir que, embora as pessoas tendam a manter-se próximas uma das outras, com o aumento do nível social e econômico, elas tendem a apresentar uma relação de maior proximidade interpessoal.

Tabela 8

Distribuição percentual da distância familiar por nível social e econômico

	Baixo NSE	Alto NSE	<i>p</i>	Phi de Crammer
	%	%		
Na sua casa até o seu bairro	78,6%	61,7	0,047	0,047
Na sua cidade até outro país	21,4	38,3		

#### 4.3 Modelos de *self* e metas de socialização

Indivíduos que residem em países diferentes, mas com o mesmo tipo de economia, vegetação ou padrão de desenvolvimento tendem, em determinadas circunstâncias, a apresentar padrões de comportamento semelhantes; da mesma forma, pessoas que residem em contextos completamente diferenciados em relação ao clima, grau de tecnologia ou relevo, também apresentam diferenças em suas crenças, comportamentos e atitudes, tal fenômeno reflete um conceito importante descrito por Tooby e Cosmides (1995) como cultura evocada.

As pesquisas realizadas sobre modelos culturais tentam identificar padrões de comportamentos entre indivíduos de diferentes culturas, mas que convivem em ambientes com níveis de desenvolvimento parecidos. É nesse sentido que as pesquisas de Keller (2002; 2007) comparam os valores culturais entre indivíduos que vivem em contextos semelhantes em relação ao nível social e econômico ou o tipo de economia; é o caso da pesquisa realizada por Lamm et al. (2008) a qual analisa as etnoteorias parentais entre indivíduos de diferentes gerações da zona urbana e rural da Índia e dos Camarões.

Em relação a esta pesquisa específica, houve o objetivo de caracterizar o modelo de *self* e as metas de socialização entre mães de diferentes faixas etárias e níveis sociais e econômicos. De acordo com Keller (2007), Greenfield et al. (2003) e Kagitçibasi (2007) os conceitos de modelo de *self* e de metas de socialização estão associados. Tal relação pode ser descrita de um modo simplificado a partir da seguinte tendência: indivíduos com culturas mais individualistas tendem a assumir um modelo de *self* mais independente com metas de socialização voltadas para a autonomia. Em culturas mais

coletivistas, o modelo de *self* é mais interdependente e as metas estão voltadas para a heteronomia. A posição intermediária é apresentada por indivíduos de países em situação de desenvolvimento econômico, em que há a prevalência do modelo de *self* autônomo com metas de socialização autônomas e relacionais (Kagitçibasi, 2007).

Com o objetivo de entender a relação entre os modelos culturais de *self* e as metas de socialização, foram realizadas análises correlacionais utilizando as escalas de *self* autônomo e relacional elaborada por Kagitçibasi (2007) e as escalas de metas de socialização de Keller et al. (2006).

Os resultados, como podem ser visualizados na Tabela 9, indicaram uma correlação negativa e moderada entre a escala de *self* autônomo e a escala de *self* relacional ( $r = -0,482$ ;  $p \leq 0,01$ ). Esse dado pode contribuir com a concepção de Keller (2007), a qual assume, em geral, uma perspectiva de *self* unidimensional, em que o fator autonomia e o fator relacionamento são dois pólos distintos de um mesmo construto. No entanto, como a correlação foi moderada, não há base empírica que permita descartar a hipótese de Kagitçibasi (2007), segundo a qual o modelo de *self* assume perspectiva ortogonal, formado por meio da combinação de duas dimensões distintas: a agência e a distância interpessoal.

Tabela 9

Correlação entre os modelos de *self* autônomo, relacional e metas de socialização

	<i>Self</i> Autônomo	<i>Self</i> relacional	Metas autônomas	Metas relacionais
<i>Self</i> autônomo	1,000			
<i>Self</i> relacional	-0,482**	1,000		
Metas autônomas	-0,122	0,105	1,000	
Metas relacionais	-0,204*	0,253**	0,595**	1,000

Correlação entre os modelos de *self* autônomo, relacional e metas de socialização  
(*Continuação*)

---

\*  $\leq 0,05$

\*\*  $\leq 0,01$

---

Em relação à concepção de Keller (2007) e a de Greenfield et al. (2003), a qual prevê uma relação entre o modelo de *self* e as metas de socialização, foi possível identificar, a partir da Tabela 9, que ao correlacionar as escalas de *self* relacional com as metas de socialização também relacionais houve uma correlação positiva ( $r= 0,253$ ;  $p\leq 0,01$ ) que, embora tenha sido fraca, indica uma tendência que está de acordo com os resultados esperados. No entanto, contrariamente ao esperado, não houve correlação entre as escalas de *self* autônomo e as metas de socialização autônomas. É possível afirmar, portanto, que há certa organicidade em relação ao modelo de *self* e as metas de socialização, no entanto, estes resultados apenas se apresentam nos dados obtidos a partir do fator relacionamento.

De acordo com Greenfield et al. (2003), em todas as culturas há ideais de autonomia e de relacionamento, no entanto, em determinados contextos haverá uma maior prevalência de indivíduos que priorizam os valores autônomos; enquanto em outros, haverá uma tendência priorizar os valores relacionais. Tal concepção está associada à perspectiva de Keller (2002, 2007), segundo a qual o modelo de *self*, em geral, é apresentado a partir de uma perspectiva bidimensional, em que a autonomia e o relacionamento são dimensões opostas de um mesmo construto e congruente com a perspectiva de Rokeach (1973) em que o indivíduo, ao assumir um valor como importante, tende a descartar o valor antagônico ao valor assumido.

A partir dessa perspectiva, escores obtidos nas escalas de *self* autônomo deveriam estar negativamente correlacionados aos ideais de *self* relacional; e em um



sentido contrário, o *self* relacional deveria ser correlacionado negativamente com as metas de socialização autônomas. Ao realizar análises correlacionais, foi possível identificar que houve uma correlação negativa e fraca entre as escalas de *self* autônomo e as metas de socialização relacionais ( $r = -0,204$ ;  $p \leq 0,05$ ). Todavia, não houve correlação negativa entre as escalas de *self* relacional e as metas autônomas (Tabela 9).

Os resultados obtidos nas correlações podem favorecer a concepção de *self* de acordo com o modelo proposto por Kagitçibasi (2001, 2005, 2007), uma vez que o modelo de *self* autônomo relacional prevê a valorização da autonomia e do fator relacionamento. Os resultados indicaram que houve correlações, apesar de fracas, apenas entre as escalas de *self* - tanto autônomo como relacional - com as escalas de metas de socialização relacionais. No entanto, as escalas de *self*, não foram correlacionadas com as metas de socialização autônomas.

Os resultados podem também sugerir que a dimensão autonomia e relacionamento não são necessariamente dimensões opostas de um mesmo construto e que o efeito das correlações pode ter sido mediado pelo fato dos indivíduos valorizarem tanto a autonomia como o fator relacionamento, tal como propõe Kagitçibasi (2002, 2005, 2007). Essa interpretação pode também ser fundamentada em decorrência da correlação moderada e positiva entre as metas de socialização autônomas e as metas de socialização relacionais ( $r=0,595$ ;  $p \leq 0,001$ ) (Tabela 9), a qual pode indicar que as mães, independentemente do modelo de *self* assumido, tendem a valorizar as metas de socialização tanto autônomas como relacionais, valorizando a independência, a obediência e o respeito às normas de um grupo como atributos a serem adquiridos pelas crianças em seus três primeiros anos de vida.

Há ainda outras possibilidades de interpretações. As escalas de metas de socializados são elaboradas de modo a expressar padrões de desenvolvimento adequados a serem adquiridos; todos os itens que compõem a escala expressam atributos importantes e desejados pelos pais. Na escala, não há nenhuma característica negativa ou indesejável. Nesse sentido, é possível que as mães, ao responderem a escala, tenham concordado com todas as metas descritas no questionário de Lamm et al. (2006), uma vez que elas expressam características positivas a serem adquiridas pelos seus filhos.

#### 4.4 Modelo de *self*, metas de socialização em mães de diferentes gerações e níveis sociais e econômicos.

Após discutir as tendências apresentadas em relação às escalas de *self* e metas de socialização torna-se importante entender como os modelos de *self* e as metas de socialização são compartilhados entre as mães de diferentes gerações e níveis sociais e econômicos. Para isso, é importante lembrar que, de acordo com a concepção de Keller (2007), as mães mais jovens ou com nível social e econômico mais alto tenderiam a apresentar um modelo de *self* mais autônomo, com metas de socialização voltadas para a autonomia. Já as mães mais velhas ou com nível social e econômico mais baixo tenderiam a apresentar um modelo de *self* mais relacional com metas de socialização também voltadas para a dimensão relacional.

Kagitçibasi (2003), por sua vez, consideraria que a maioria das mães tenderia a apresentar um modelo de *self* autônomo relacional, com metas de socialização também

autônomas e relacionais, pois em países em situação de desenvolvimento, como é o caso do Brasil, prevaleceria este modelo de *self*.

Ora, ao correlacionar as variáveis: idade, nível social e econômico e escolaridade com as escalas de *self* e as metas de socialização, foram identificados os seguintes resultados. Tal como pode ser observado na Tabela 10, houve uma correlação negativa e fraca entre a idade e as escalas de *self* autônomo ( $r = -0,204$ ;  $p \leq 0,028$ ). Esses dados estão de acordo com a perspectiva de Keller et al. (2008), a qual indica que as mães mais jovens tendem a apresentar um modelo de *self* mais autônomo e as mães mais velhas não atribuem tanta importância à autonomia. Entretanto, tal tendência não é identificada ao correlacionar as escalas de *self* relacional com a idade ( $r = 0,89$   $p \geq 0,05$ ).

Tabela 10

Correlações entre modelos de *self* autônomo e relacional, metas de socialização autônomas e relacionais, nível social e econômico e escolaridade

	<i>Self</i> autônomo	<i>Self</i> relacional	Metas autônomas	Metas relacionais
Idade	-0,204*	0,89	0,135	0,182
NSE	0,150	0,171	0,124	-0,186
Escolaridade em anos	0,144	0,193*	0,064	-0,270*

\*  $p \leq 0,05$

\*\*  $p \leq 0,01$

\*\*\*  $p \leq 0,001$

Outro dado importante que se apresenta congruente com as pesquisas realizadas por Keller (2007) e Greenfield e col (2003) é que há uma correlação negativa, apesar de fraca, entre o tempo de estudo e as metas relacionais ( $r = -0,27$ ;  $p \leq 0,05$ ) (Tabela 10). Todavia, contrariamente ao esperado, houve uma correlação positiva entre a

escolaridade e a escala de *self* relacional ( $r = 0,193$ ;  $p \leq 0,05$ ). Apesar do índice de correlação ser baixo, de acordo com a perspectiva de Keller e col. (2008) e Keller (2007), seria esperado que com o aumento do grau de escolaridade, as pessoas tenderiam a apresentar menores índices nas escalas de *self* relacional.

Com o objetivo de aperfeiçoar os resultados apresentados nessa pesquisa, foram realizadas comparações entre os grupos de mães de diferentes faixas etárias, nível social e econômico e renda familiar, dados que podem ser visualizados na Tabela 11. Ao comparar as escalas referentes ao modelo de *self* e a faixa etária das participantes, é possível notar que há diferenças apenas no que se refere à escala de *self* autônomo; novamente as mães mais novas apresentam maiores índices nas escalas de autonomia ( $M=3,55$ ;  $DP=0,57$ ) do que as mães mais velhas ( $M=3,29$ ;  $DP=0,70$ ) ( $p \leq 0,05$ ). No entanto, não foram encontradas diferenças significativas ao comparar as mães de diferentes faixas etárias com a escala de *self* relacional e metas de socialização, sejam elas autônomas ou relacionais.

Tabela 11

Média dos escores nas escalas de *self* e metas por idade, NSE e renda

	<i>Self</i> Autônomo		<i>Self</i> relacional		Metas autônomas		Metas relacionais	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
<i>Idade</i>								
25 a 40	3,55	0,57	3,32	0,68	3,12	0,84	3,32	0,70
a partir de 50 anos	3,29	0,70	3,43	0,55	3,44	0,85	3,57	0,75
<i>T</i>	2.213*		0.944		2.072		1.812	
<i>NSE</i>								
Baixo NSE	3,33	0,73	3,27	0,62	3,18	0,95	3,54	0,78
Alto NSE	3,50	0,56	3,48	0,61	3,37	0,76	3,36	0,69
<i>T</i>	1.379		1.805		1,19		1,316	

Média dos escores nas escalas de *self* e metas por idade, NSE e Renda  
(*continuação*)

<i>Renda em Salário mínimo</i>	M DP		M DP		M DP		M DP	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
0 a 1	3,36	0,78	3,23	0,63	3,06	0,87	3,41	0,76
1,01 a 2	3,30	0,60	3,45	0,65	3,70	0,77	3,84	0,68
2,01 a 4	3,50	0,67	3,43	0,59	3,19	0,93	3,41	0,83
Acima de 4,01	3,54	0,54	3,53	0,52	3,49	0,78	3,36	0,63
<i>f</i>	0.712		1.409		3.304*		2.193	

<i>Tempo de estudo das mães</i>	M DP		M DP		M DP		M DP	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
0 a 8 anos	3,26	0,62	3,27	0,57	3,21	0,91	3,79	0,81
09 a 11 anos	3,42	0,74	3,29	0,65	3,17	0,98	3,36	0,74
12 a 20 anos	3,50	0,57	3,52	0,61	3,43	0,68	3,33	0,64
<i>f</i>	1,142		2,02		1,136		3,954*	

\* $p \leq 0,05$

\*\* $p \leq 0,01$

Ao comparar o nível social e econômico com as escalas de *self* e as de metas de socialização, também não foram identificadas diferenças significativas. Tal tendência estaria parcialmente congruente com os resultados apresentados por Moinhos (2007), a qual indicou não haver diferenças em relação ao modelo de *self* entre mães de níveis sociais e econômicos distintos; todavia, Moinhos (2007) identificou uma tendência nas mães com menor nível social a apresentarem metas mais relacionais (Tabela 10).

Nesta pesquisa, apesar de não terem sido encontradas diferenças ao comparar as mães de diferentes níveis sociais e econômico quanto ao modelo de *self* e as metas de socialização, na Tabela 10, foi possível identificar que as mães que tem uma renda de 1 a 2 salários mínimos apresentam maiores escores nas metas de socialização autônomas (M=3,70;DP=0,77) do que as mães que ganham de 0 a 1 salário mínimo (M=3,06; DP=0,87); ( $F=3.304$ ;  $p \leq 0,05$ ). Apesar dessa tendência estar de acordo com as pesquisas realizadas, as quais indicam que com o aumento do nível social e econômico, há uma

maior valorização da autonomia, é importante destacar tais resultados apenas foram encontrados ao comparar as duas rendas citadas, de modo que não houve uma diferença mais acentuada ao comparar os grupos mais pobres com os mais ricos (Tabela 10).

Há uma questão importante a ser considerada ao caracterizar o modelo de *self* e as metas de socialização em mães de diferente nível social e econômico. No Brasil, com o processo de desenvolvimento econômico, há uma tendência entre os indivíduos a apresentarem um maior grau de escolaridade, tal dado pode ser indicado ao comparar o tempo de estudo entre as participantes. As mães com baixo status social e econômico e mais novas apresentaram um tempo médio de estudo de (M=10,16; DP=2,173) enquanto as com alto nível social e econômico e mais velhas estudaram um tempo médio de estudo de (M=13,45; DP=3,26). Esse dado pode contribuir para entender a similaridade em relação ao modelo de *self* e as metas de socialização compartilhadas pelas mães, independentemente do nível social e econômico.

As diferenças entre os grupos, todavia, podem ser identificadas ao comparar as metas de socialização entre mães com níveis de escolaridade distintos. As mães que estudaram entre 0 a 8 anos apresentam metas de socialização mais relacionais (M=3,79; DP=0,81) do que as mães que estudaram entre 12 a 20 anos (M=3,33; DP=0,64,  $p \leq 0,05$ ). Tal dado está de acordo com a pesquisa de Moinhos (2007) e Seild-de-Moura et al. (2010), as quais indicam que quanto menor o grau de escolaridade, as mães tendem a apresentar metas de socialização mais relacionais.

## 5 CONCLUSÕES

Os modelos culturais são mediados por mecanismos psicológicos e são formados a partir da relação entre o aparato biológico do indivíduo e o ambiente onde ele está inserido. O estudo dos modelos culturais permite entender como as crenças são compartilhadas por membros de uma comunidade e como elas variam ao longo do tempo. Esta pesquisa, ao estudar como o modelo de *self* e as metas de socialização se configuram em mães de diferentes idades e níveis sociais e econômicos, contribuiu para o entendimento de uma questão bastante discutida na psicologia do desenvolvimento: como as crenças e os valores das mães podem variar a depender da geração do indivíduo e da sua condição social e econômica.

A utilização da concepção de cultura, tal como proposta por Tooby e Cosmides (1995), permitiu entender como os modelos culturais estão circunscritos ao aparato cognitivo do indivíduo e a sua influência no modo como ele analisa uma cultura. Os indivíduos ao refletirem sobre o contexto onde vive, levam em consideração elementos universais existentes em qualquer cultura – metacultura; os fatores específicos ao ambiente onde estão inseridos, tais como os recursos disponíveis - cultura evocada – e também são capazes de modificar os valores, as crenças e o modo como se comportam, ou seja, de reconstituir a cultura – cultura reconstituída.

Ao considerar que o modelo de *self* e as metas de socialização são decorrentes do modo como o indivíduo analisa um contexto ou uma determinada situação, eles influenciam e são influenciadas pelo ambiente onde o indivíduo está inserido e podem variar a depender do tipo de economia e nível social e econômico do local, apenas para

citar dois exemplos (Kagitçibasi, 2002, 2005, 2007 e Keller, 2002, 2007). O presente trabalho adotou como objetivo analisar como o modelo de *self* e as metas de socialização se configuram entre as mães de diferentes gerações e níveis sociais e econômicos.

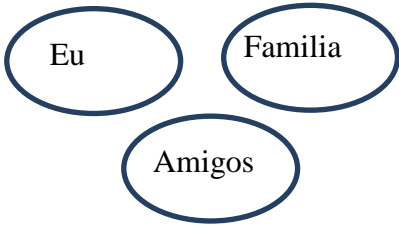
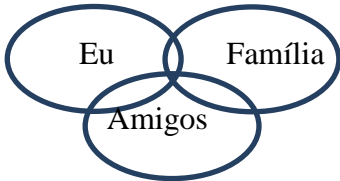

Os resultados podem ser interpretados a partir da perspectiva de Keller (2007) e de Kagitçibasi (2007). Como já mencionado antes, Kagitçibasi (2007) e Keller (2007) concordam que há uma tendência entre os indivíduos mais novos ou com maior grau de escolaridade a assumir modelos de *self* mais autônomos, com metas de socialização mais autônomas. Todavia, se para Keller (2007) essa tendência seria refletida em um maior distanciamento interpessoal, para Kagitçibasi (2007), os indivíduos poderiam preservar uma relação de maior proximidade, o que caracterizaria o modelo de *self* autônomo relacional, o qual é frequentemente apresentado entre indivíduos que residem em países em situação de desenvolvimento econômico. No Quadro 2, é possível visualizar um quadro comparativo entre as concepções de Keller (2007) e Kagitçibasi (2007)

#### Quadro 2

Comparação entre as concepções de *self* de acordo com Keller (2007) e Kagitçibasi (2007)

Keller (2007)	Kagitçibasi (2007)
<p><i>Self</i> unidimensional:</p> <p>Modelos de <i>self</i>:</p> <p>Independente vs interdependente</p>	<p><i>Self</i> bidimensional:</p> <p>Agência e distância interpessoal:</p> <p>Modelos de <i>self</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Autônomo relacional</li> <li>• Autônomo separado</li> <li>• Heterônomo relacional,</li> <li>• Heterônomo separado.</li> </ul>



Tendências de resultados esperados em relação ao modelo de <i>self</i>	
Keller (2007)	Kagitçibasi (2007)
<p><b>Modelo de <i>self</i> independente: separação interpessoal</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Indivíduos mais novos com nível social e econômico mais alto</li> </ul> <p>Metas: autônomas</p>  <p><b>Modelo de <i>self</i> interdependente: maior aproximação interpessoal</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Indivíduos mais velhos com nível social e econômico mais baixo</li> </ul> <p>Metas: autônomas</p> 	<p style="text-align: center;"><b>Agência</b></p>  <p style="text-align: center;"><b>Distância interpessoal</b></p>

Tomando essa comparação como referência, é possível indicar os principais resultados encontrados a partir desta pesquisa. Primeiramente, cabe destacar que houve uma maior adequação dos resultados ao modelo de *self* como concebido por Kagitçibasi (2003, 2007). Essa aderência, entretanto, não implica completo desacordo com a perspectiva de Keller (2007).

Os dados que ilustram os resultados encontrados podem ser identificados ao perceber que a maioria das participantes foi classificada em dois dos quatro modelos de *self* definidos por Kagitçibasi (2007): autônomo relacional e autônomo separado. A alta prevalência do modelo de *self* autônomo relacional pode corroborar parcialmente as ideias de Kagitçibasi (2003, 2007), segundo as quais, em países em desenvolvimento, as pessoas tendem a assumir esse modelo de *self*. Já a adesão das participantes ao modelo de *self* autônomo separado pode ser parcialmente explicada a partir da perspectiva de Keller (2007), uma vez que o modelo de *self* autônomo separado é o que mais se aproximaria do conceito de *self* independente descrito por Keller (2007).

A aproximação dos resultados obtidos à concepção de Keller (2007) é ainda mais elucidativa ao identificar a prevalência do modelo de *self* pela faixa etária das participantes. Na presente pesquisa houve uma alta aderência entre as mães mais jovens ao modelo de *self* autônomo separado, enquanto as mães com idade mais avançada foram predominantemente enquadradas ao modelo de *self* autônomo relacional. Resultados similares foram encontrados na pesquisa realizada por Lamm, Keller, Yosi e Chaudhary (2008), em que os autores perceberam que entre as mães prevalecia o modelo de *self* independente, enquanto as avós, em geral, eram classificadas no modelo de *self* interdependente.

Nesta pesquisa, apenas a variável idade mostrou associação com o modelo de *self*, entre as mães mais jovens prevaleceu o modelo de *self* autônomo separado, enquanto as mães com idade mais avançada apresentaram um modelo de *self* autônomo relacional. Contrariando as expectativas deste trabalho, não foram encontradas diferenças entre o modelo de *self* das participantes nos diferentes níveis sociais e econômicos ou diferentes locais de nascimento. Estes resultados, embora estejam

divergentes das hipóteses descritas tanto por Keller (2007) como por Kagitçibasi (2007), apresentam algumas similaridades ao modelo de *self* descrito por Kagitçibasi (2007) e às pesquisas realizadas no âmbito nacional, tais como a de Moinhos (2007) e Macarini et al. (2010)

As congruências entre os resultados obtidos e o conceito de *self*, tal como proposto por Kagitçibasi (2007), podem ser percebidas pela alta aderência das participantes ao *self* autônomo relacional. Este mesmo resultado também foi encontrado por Seild-de-Moura et al. (2008) e Moinhos, Lordelo e Seild-de-Moura (2008), sendo que nas duas pesquisas, diferentemente dos dados obtidos por este trabalho, foi identificado que indivíduos com níveis sociais mais altos apresentavam um modelo de *self* mais independente quando comparados aos indivíduos de nível social e econômico mais baixo.

Há um quesito que pode explicar o fato de terem sido encontradas poucas diferenças em relação ao modelo de *self* das participantes em relação aos diferentes contextos de desenvolvimento que estão inseridas. A maioria das mães, ao serem perguntadas sobre onde desejariam que os seus familiares morassem, independentemente da faixa etária, nível social e econômico e local de nascimento, indicaram que gostariam que os seus familiares morassem próximos às suas casas. Tal tendência é ainda mais fortemente valorizada entre as mães de nível social e econômico baixo. Estes resultados sugerem que Kagitçibasi (2007) pode estar correta ao afirmar que em países em desenvolvimento, os indivíduos valorizam a autonomia, mas continuam a estabelecer relações de dependência emocional, a qual é refletida na necessidade dos indivíduos em se manterem próximos.

Ao identificar a prevalência do modelo de *self* das participantes, principalmente o autônomo relacional e o autônomo separado, entre as mães do interior e da capital não foram encontradas diferenças entre estes dois grupos. Embora estes resultados estejam divergentes das tendências esperadas tanto por Keller (2003; 2007) como por Kagitçibasi (2007); e estejam parcialmente congruentes com as pesquisas realizadas no Brasil, algumas considerações precisam ser realizadas. É importante destacar que todas as mães que participaram desta pesquisa residiam na capital e não foram questionadas sobre há quanto tempo residem em Salvador, o que dificulta a comparação dos dados.

No que se refere aos resultados obtidos a partir das escalas de metas de socialização, foi identificado que as mães com maior renda atribuem uma maior importância às metas autônomas do que as mães com renda mais baixa. Em relação às metas de socialização, foi também percebido que as mães que estudaram por menos tempo, de um modo geral, valorizam mais as metas relacionais, tais como: o respeito aos mais velhos, a obediência e a sujeição às normas de hierarquia, do que as mães que tiveram mais tempo de estudo. Os resultados, embora estejam de acordo com as tendências esperadas, havia uma maior expectativa de encontrar resultados que expressassem uma diferença mais acentuada ao comparar estes dois grupos.

No que se refere à análise de construto alguns questionamentos podem ser realizados. É possível questionar, por exemplo, se o conceito de *self* é unidimensional, tal como sugere Keller (2007) ou bidimensional, como propõe Kagitçibasi (2007), uma vez que, embora os resultados anteriormente analisados estejam mais coerentes com a concepção de Kagitçibasi (2007), foram identificadas correlações negativas entre as escalas de *self* autônomo e *self* relacional, o que pode corroborar a hipótese segundo a

qual os modelos culturais podem variar a partir de dois polos distintos, da independência à interdependência.

Em relação à hipótese segundo a qual os modelos culturais de *self* e as de metas de socialização estão organizados como esquemas cognitivos que representam um conjunto de crenças, valores de uma população, há dados importantes a serem questionados. Foram identificadas correlações positivas entre as escalas de *self* relacional e as escalas de metas relacionais, e correlações negativas entre os escores das escalas de *self* autônomo e os escores das escalas de metas relacionais. Tais resultados indicam uma tendência entre as pessoas a apresentarem o mesmo padrão de respostas em relação ao modelo de *self* e as metas de socialização, tal como afirma Keller (2007), Greenfield et al. (2003) e Kagitçibasi (2007).

Todavia, os resultados desta pesquisa também encontram tendências contrárias às esperadas. Houve correlações positivas entre metas de socialização relacionais e o grau de escolaridade e não foram encontradas correlações entre os escores das escalas de *self* autônomo e as metas autônomas. Tais resultados corroboram a ideia de Kagitçibasi (2006), segundo a qual, nas pesquisas realizadas sobre os modelos culturais, há uma tendência dos autores a considerarem os dados que estão congruentes com a concepção de modelos culturais e descartar todos os outros dados que não corroboram a hipótese.

Os resultados deste trabalho indicam, portanto, a necessidade em discutir de um modo mais amplo as concepções de modelos culturais, pois da mesma forma que há dados que contribuem para a ideia segundo a qual os modelos culturais são conjunto de ideias organizadas em torno de um tema específico, há resultados que contrariam esta hipótese.

Associada a esta questão torna-se importante confrontar as concepções de Keller (2007) e de Kagitçibasi (2007) em relação aos modelos de *self*, com o objetivo de entender se a perspectiva de *self*, tal como afirma Keller (2007) é constituída a partir de um processo de transição, o qual varia da dependência para a interdependência, ou se, tal como afirma Kagitçibasi (2007), os modelos de *self* podem ser derivados da combinação de duas dimensões: distância e agência interpessoal e podem apresentar certa estabilidade cultural. Há ainda a necessidade de aperfeiçoar o conceito de *self* que, segundo Kagitçibasi (2007), é apresentado pelos indivíduos de países em desenvolvimento: o modelo de *self* autônomo relacional.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de modelos culturais ainda é bastante controversa; Kagitçibasi (1996) sugere que, embora haja alguns indicativos que corroborem a noção dos modelos culturais, há dados que são descartados por contrariar a hipótese segundo a qual os modelos culturais estão organizados de modo a expressar um conjunto de valores assumidos por um grupo social.

Em relação aos resultados desta pesquisa foi possível notar que há certa organicidade no que se refere ao modelo de *self* compartilhado por um grupo social. Tal fenômeno pode ser observado a partir dos seguintes resultados: o modelo de *self* autônomo se contrapõe ao modelo de *self* relacional; houve também correlação positiva entre o modelo de *self* relacional e metas de socialização também relacionais, bem como, as escalas de *self* autônomo foram correlacionadas negativamente com as metas relacionais. No entanto, as correlações foram fracas e mais fortemente associadas as escalas de *self* autônomo do que as escalas de *self* relacional.

Outro dado importante foi relação existente entre as metas de socialização autônomas e as metas de socialização relacionais. Há diferentes interpretações que podem ser atribuídas a este resultado, primeiramente é necessário o debate acerca dos instrumentos utilizados, pode haver uma tendência entre as participantes a concordar com todos os itens da escala de metas de socialização, uma vez que eles expressam características positivas a ser adquiridas pelas crianças em seus primeiros anos de idade. Há ainda a possibilidade de considerar este resultado surge como um produto do modelo de *self* predominantemente compartilhado pelas mães desta pesquisa: o modelo de *self* autônomo relacional.

O modelo de *self* autônomo relacional é amplamente discutido por autores como Keller (2002, 2007) e Kagitçibasi (2003, 2007), tal conceito precisa de melhor aprofundamento teórico, pois ainda são poucos os estudos realizados em países em desenvolvimento que abordam essa temática (Kagitçibasi, 2007 e Keller, 2002). Nesse sentido, Keller et al. (2006) e Kagitçibasi, (1997) afirmam a importância em realizar pesquisas com o objetivo de entender como se caracteriza o modelo de *self* em indivíduos residentes de países em desenvolvimento ou latino-americanos, como é o caso do Brasil.

O presente trabalho foi fundamentado em conceitos que, embora sejam amplamente discutidos, ainda carecem de maior fundamentação teórica e de pesquisas empíricas, principalmente no que se refere à realidade brasileira. Tal evidência, ao mesmo tempo que dificulta a discussão da temática, faz que esta pesquisa seja importante para se debater sobre concepções teóricas que ainda não estão completamente estruturadas.

Nesse sentido, o presente trabalho contribuiu para entender melhor o construto de *self* autônomo relacional, levando em consideração pressuposições teóricas distintas, mas que dialogam entre si, tais como a perspectiva de Keller (2007), Greenfield et al. (2003) e a de Kagitçibasi (2007). Para isso, algumas questões foram discutidas neste trabalho: o modelo de *self* é um construto bidimensional, como afirma Keller (2007) ou multidimensional, tal como proposto por Kagitçibasi (2007)? É possível identificar certa homogeneidade cultural em relação à prevalência do modelo de *self* compartilhado pelos indivíduos de diferentes níveis sociais e econômicos e com diferentes faixas etárias? Há variação em relação à prevalência do modelo de *self* em uma população a depender da situação social e do perfil etário dos participantes?



Os resultados da presente pesquisa ainda não são conclusivos, há a necessidade em se discutir mais sobre esta temática. Se por um lado, houve a adequação dos resultados obtidos a pressuposição teórica de Kagitçibasi (2007), uma vez que, independentemente de condição social ou faixa etária, a maioria das participantes foi enquadrada no modelo de *self* autônomo relacional; por outro, também foi possível indicar a adequação da hipótese de Keller (2007), uma vez que houve uma variabilidade cultural em relação às mães de diferentes perfis etários, sendo que as mães mais jovens apresentaram um modelo de *self* mais independente do que as mães mais velhas.

Há ainda outros resultados que corroboraram a hipótese de Keller (2007), pois as mães que estudaram menos tempo e com menor renda apresentaram metas de socialização mais voltadas para o fator relacionamento. Os resultados poderiam, portanto, indicar que na medida em que há o desenvolvimento econômico, há uma variabilidade cultural no sentido da interdependência à independência na medida em que há o desenvolvimento de uma sociedade.

Apesar da adequação dos resultados aos modelos teóricos propostos tanto por Kagitçibasi (2007) como Keller (2007), torna-se difícil assumir uma posição em relação a teoria mais adequada, ou ao modelo mais congruente com a realidade brasileira, uma vez que trata-se de uma pesquisa ainda inicial em relação a esta temática específica e por ser o primeiro estudo a avaliar o modelo de *self* a partir das escalas propostas por Kagitçibasi (2007).

Uma contribuição importante deste trabalho é o fato de analisar o modelo de *self* das participantes a partir do questionário de Kagitçibasi (2007). No entanto, a escala não passou por um processo de validação no contexto brasileiro, o que pode fragilizar os resultados desta pesquisa.

Acredita-se, portanto, na importância de se validar as escalas de *self* autônomo e relacional no contexto brasileiro, com o objetivo que que novos estudos sejam na tentativa de entender melhor um construto que ainda não foi completamente estruturado – modelo de *self* autônomo relacional – e que muitas vezes é avaliado a partir de medidas indiretas de avaliação de *self*, tal como a partir das escalas de metas de socialização.

Como proposta de estudos futuros, torna-se necessário realizar pesquisas que tentem caracterizar o modelo de *self* das pessoas que residem no interior e na capital, uma vez que, na maioria das vezes, tal construto é analisado a partir de inferências realizadas a partir das metas valorizadas pelos pais. Há ainda a possibilidade de se realizar um estudo longitudinal com mães de diferentes gerações, com o objetivo de averiguar como o modelo de *self* e as metas de socialização podem ser modificadas ao longo da vida do indivíduo, levando em consideração o estágio de vida da participante, as transformações sociais e econômicas, entre outras variáveis que podem influenciar no modo como os indivíduos concebem crenças importantes para a criação dos seus filhos.

## Rferências

Keller, H., Borke, J., Yovsi, R., Lohaus, A., & Jensen, H. (2005, May). Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 29(3), pp. 229-237.

Azuma, H. (1986). *Why study child development in Japan?* (H. Stevenson, H. Azuma, & H. Kenji, Éds.) New York: Freeman.

Babbie, E. (1999). Métodos de pesquisa de Survey. Dans E. Babbie, *Métodos de pesquisa de Survey* (G. Cezarino, Trad., pp. 179-212). Belo Horizonte: UFMG.

Bowlby, J. (1990). *Apego: a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.

D'Andrade, R. G. (1992). Schemas and motivation. Dans R. G. D'Andrade, C. Strauss, R. G. D'Andrade, & C. Strauss (Éds.), *Human motives and cultural models* (pp. 21-44). New York: Cambridge University press.

Danesi, M., & Perron, P. (1999). *Analyzing cultures: an introduction and handbook*. Bloomington: Indiana University press.

Earley, C. P., & Gibson, C. B. (1998). Taking Stock in Our Progress on Individualism-Collectivism: 100 Years of Solidarity and Community. (J. P. Inc, Éd.) *Journal of Management*, 24, pp. 265-304.

Fantz, R. L. (1961). The Origin of Form Perception. 204(5), pp. 66 - 73.

Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas* (éd. 13). Rio de Janeiro, RJ: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.

Giacoaia, O. J. (2005). A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina*, 38(1), pp. 13-19.

Goodnow, J. (1992). Parents' ideas, childrens' ideas: Correspondence and divergence. In: A. Siegel, McGillicuddy-DeLisi, & J. Goodnow, *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (pp. 293-317). Hillsdale Lawrence Erlbaum.

Goodnow, J. (1996). From household practices to parents' ideas about work and interpersonal relationships. Dans S. Harkness, & C. M. Super, *Parents' cultural belief systems: their origins, expressions and consequences* (pp. 313-344). New York: The Guilford Press.

Goodnow, J. J., & Collins, A. W. (1990). *Development according to parents: The nature, sources, and consequences of parents' ideas*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates Ltd.

Greenfield, P. M. (1999). Cultural Change and Human Development. *New Directions for Child and Adolescent Development*(83), 37-59.

Greenfield, P. M., Keller, H., Fuligni, A., & Maynard, A. (2003). Cultural pathways through universal development. *Annual Review Psychology*, 54, 461-490.

- Hall, B. K. (1992). *Evolutionary developmental biology*. London: Chapman & Hall.
- Harkness, C. M., & Super, S. (1996b). The cultural structuring of child development. Dans J. W. Berry, P. Dasen, & T. Saraswathi (Éds.), *Handbook of cross cultural psychology* (éd. 2, Vol. 2, pp. 1-39).
- Harkness, S., Super, C. M., & Tijen, N. V. (2000). Individualism and the “Western Mind” reconsidered: American and dutch parents' ethnotheories of the child. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2000(87), 23-39.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1994, Jan). The developmental niche: A theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science & Medicine*, 38(2), pp. 217-226.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1994, Jan). The developmental niche: A theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science & Medicine*, 38(2), pp. 217-226.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1996a). Introduction. Dans S. Harkness, & C. M. Super (Éds.), *Parents' Cultural Belief Systems: Their Origins, Expressions, and Consequences* (pp. 1-39). New York: The Guilford Press.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1999). From parents' cultural belief systems to behavior: Implications for the development of early intervention programs. Dans L. Elderling, & P. Leseman, *Effective early education: Cross-cultural perspectives* (pp. 67-90). New York: Falmer Press.
- Harkness, S., & Super, C. M. (2005). Themes and variations: Parental ethnotheories in Western cultures. Dans K. H. Rubin, & O. B. Chung, *Parental beliefs, parenting, and child development in cross-cultural perspective* (pp. 61-79). New York: Psychology Press.
- Harkness, S., & Super, C. M. (2005). Themes and Variations: Parental Ethnotheories in Western Cultures. Dans K. Rubin (Éd.), *Parental beliefs, parenting, and child development in cross-cultural perspectives* (pp. 61-79). New York: Psychology Press.
- Harkness, S., Super, C. M., Moscardino, U., Rha, J.-H., Blom, M., Huitrón, B., Palacios, J. (2007). Cultural Models and Developmental Agendas: Implications for Arousal and Self-regulation in Early Infancy. *Journal of Developmental Psychology*, 2(1), pp. 5-39.
- Harry, T. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51(4), pp. 407-415.
- Harry, T. C., Leung, K., Villareal, M. J., & Clack, F. I. (1985). Allocentric versus idiocentric tendencies: Convergent and discriminant validation. *Journal of Research in Personality*, 19(4), pp. 395-415.

Harwood, R. L., Schoelmerich, A., Schulze, P. A., & Gonzalez, Z. (1999, July / August). Cultural differences in maternal beliefs and behaviors: A study of middle-class Anglo and Puerto Rican mother-infant pairs in four everyday situations. *Child development*, 70(4), pp. 1005-1016.

Harwood, R. L. (1992, August). The influence of culturally derived values on Anglo and Puerto Rican mothers' perceptions of attachment behavior. *Child Development*, 63(4), pp. 822-839.

Hofstede, G. . (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly Hills, CA, USA: Sage.

Hofstede, G. H. (1980). *Culture's consequences, international differences in work-related values*. Newbury Park, California, USA: Sage Publication Ltda.

Holland, D., & Quinn, N. (1987). Culture and Cognition. Dans N. Quinn, & D. Holland, *Cultural models in Language & Thought* (pp. 3-42). New York, USA: Cambridge University Press.

Hollingshead, A. (1975). *The four-factor index of social status*. Yale University, New Haven, CT.

Hollingshead, A. (1975). *The four-factor index of social status*. New Haven, CT: Yale University: Unpublished manuscript.

Jablonka , E., & Lamb, M. J. (2002, Dec). The Changing Concept of Epigenetics. (N. Y. Sciences., Éd.) *Annals of the New York Academy of Sciences*, 981, 82-96.

Jahoda, G. (2002). Culture biology and development across history. Dans H. Keller, Y. H. Poortinga, & A. Schölmerich, *Between Culture and Biology* (pp. 13-29). Cambridge University Press.

Kagitçibasi. (1996). Individualism and collectivism. Dans J. Berry, M. Segall, & C. Kagitçibasi (Éds.), *Handbook of cross cultural research: social behavior applications* (éd. 2<sup>a</sup> , Vol. 3, pp. 1-49). Library of Congress Cataloging psychology.

Kağitçibasi, Ç. (1996, Sep). The autonomous-relational self: A new synthesis. *European Psychologis*, 1(3), pp. 180-186.

Kagitçibasi, C. (2001). Development of Self and Competence in Cultural Context. Dans C. Kagitçibasi, *Development of Self and Competence in Cultural Context* (pp. 1-32). Uhlenbecklectures: NIAS.

Kagitcibasi, C. (2002). A Model of Family Change in Cultural Context. *Online Readings in Psychology and Culture*, 6(3).

Kagitcibasi, C. (2005). Autonomy and Relatedness in Cultural Context: Implications for Self and Family. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, pp. 403-422.

Kagitçibasi, C. (2007). *Family, self and human development: theory and application*. Mahwah, New Jersey, Estados Unidos da América: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Kagitçibasi, C., & Berry, J. (1989). Cross-Cultural Psychology: Current Research and Trends. *Annual Review of Psychology*, 40, 493-531.

Kagitçibasi, Ç., & Berry, J. W. (1989). Cross-Cultural Psychology: Current Research and Trends. *Annual Review of Psychology*, 40, pp. 493-531.

Keller, H. (2003). Socialization for Competence: Cultural Models of Infancy. *Human development*, 46(5), 288–311.

Keller, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, New Jersey: Erlbaum.

Keller, H., Abels, M., Borke, J., Lamm, B., Su, Y., Wang, Y., & Lo, W. (2007, May). Socialization environments of Chinese and Euro-American middle-class babies: Parenting behaviors, verbal discourses and ethnotheories. *International Journal of Behavioral Development*, 31(3), pp. 210-217.

Keller, H., Lamm, B., Abels, M., Yovsi, R., Borke, J., Jensen, H., . . . Chaudhary, N. (2006, March). Cultural Models, Socialization Goals, and Parenting Ethnotheories. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37(2), pp. 155-172.

Kobarg, A. P., & Vieira, M. L. (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 401-408.

Lamm, B., Keller, H., & Yovsi, R. D. (2008, feb). Grandmaternal and maternal ethnotheories about early child care. *Journal of Family Psychology*, 22(1), pp. 80-88.

Lamm, B., & Keller, H. (2007). Understanding Cultural Models of Parenting: The Role of Intracultural Variation and Response Style. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 38(1), pp. 50-57.

Lamm, B., Keller, H., Yovsi, R. D., & Chaudhary, N. (2008). Grandmaternal and Maternal Ethnotheories About Early Child Care. *Journal of Family Psychology*, 22(1), pp. 80-88.

Laraia, R. d. (2001). *Cultura um conceito antropológico* (éd. 14<sup>a</sup>). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Leyendecker, B., Lamb, M. E., Harwood, R. L., & Schölmerich, A. (2002). Mothers' socialisation goals and evaluations of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 26(2), pp. 248-258.

Lordelo, E. R. (2010). A Psicologia Evolucionista e o conceito de cultura. *Estudos de Psicologia*, 15(1), pp. 55-62.

- Macarini, S. M. (2009). *Autonomia e interdependência: sistema de crenças parentais de mães residentes em pequenas cidades e capitais do Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Macarini, S. M., Martins, G. D., Sachetti, V. A., & Vieira, M. L. (2010). Etnoteorias parentais: um estudo com mães residentes no interior e na capital de Santa Catarina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, pp. 37-45.
- Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the Self." Implications for Cognition, Emotion, and Motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224-253.
- Martins, G. F. (2009). *Influência do apoio social sobre crenças e práticas maternas em capitais e pequenas cidades brasileiras*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Meléndez, L. (2005). Parental Beliefs and Practices Around Early Self-regulation: The Impact of Culture and Immigration. *Infants & Young Children*, 18(2), 136-146.
- Miller, A. M., & Harwood, R. L. (2001). Long-term socialisation goals and the construction of. *International Journal of Behavioral Development*, 25(5), pp. 450-457.
- Miller, S. A., & Harwood, R. L. (2001). Long-term socialisation goals and the construction of infants' social networks among middle class Anglo and Puerto Rican mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 25, 450-457.
- Moinhos, M.V. (2007) *Metas, estratégias e práticas maternas na criação de filhos em diferentes contextos socioeconômicos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil
- Moinhos, V. M., Lordelo, E. d., & Moura, M. L. (2007). Metas de socialização de mães baianas de diferentes contextos socioeconômicos. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum*, 17(1), 114-125.
- Nader, P. (2006). *Filosofia do direito* (éd. 6a). Rio de Janeiro: Forense.
- Palacios, J., & Moreno, M. C. (1996). Parents' and adolescents' ideas on children: origins and transmission of intracultural diversity. Dans S. Harkness, & C. M. Super, *Parents Cultural Belief System: Their origins, expressions and consequences* (pp. 215-253). New York, USA: Spring.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. Nova York: Free Press.
- Rosenthal, M. K. (2000). Home to Early Childhood Service: An Ecological Perspective. *Childrenz Issues: Journal of the Children's Issues Centre*, 4(1), pp. 7-15.
- Rosenthal, M. K., & Roer-Striera, D. (2001). Cultural differences in mothers' developmental goals and ethnotheories. *International Journal of Psychology*, 36(1), pp. 20-31.

Rothbaum, F., Pott, M., Azuma, H., Miyake, K., & Weisz, J. (2000). The development of close relationships in Japan and the United States: paths of symbiotic harmony and generative tension. *Child development*, 5, pp. 1121-1142.

Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M. L., Piccinini, C. A., Siqueira, J. d., Magalhães, C. M., . . . Rimoli, A. (2008). Brazilian mothers' socialization goals: Intracultural differences in seven Brazilian cities. *International Journal of Behavioral Development*, 32(6), pp. 465-472.

Seidl-de-Moura, M. L., Ribas Jr., R. d., Piccinini, C. A., Bastos, A. C., Magalhães, C. M., Vieira, M. L., . . . Silva, A. (2004). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), pp. 421-429.

Sinha, D. &. (1994). Individualism in a collectivism culture: a case of coexistence of opposites. Dans U. Kim, H. Triandis, Ç. Kagitçibasi, S.-C. Choi, & G. Yoon, *Individualism and Collectivism: theory, method, and applications* (pp. 123-136). Thousand Oaks, California, Estados Unidos: Sage publication, Inc.

Suizzo, M.-A. (2002). French parents' cultural models and childrearing beliefs. *International Journal of Behavioral Development*, 26(4), pp. 297-307.

Suizzo, M.-A. (2007). Parents' goals and values for children: Dimensions of independence and interdependence across four U.S ethnic groups. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 38(4), pp. 506-530.

Super, C. M., & Harkness, S. (1986). The Developmental Niche: A Conceptualization at the Interface of Child and Culture. *International Journal of Behavioral Development*, 9(4), 545-569.

Super, C. M., & Harkness, S. (1997). The cultural structuring of child development. Dans J. Berry, P. R. Dasen, T. S. Saraswathi, M. H. Segall, & C. Kagitçibasi, *Handbook of Cross-Cultural Psychology* (éd. 2<sup>a</sup>, Vol. 2, pp. 1-39). Boston, USA: Allyn and Bacon.

Super, C. M., & Harkness, S. (1999). The environment as culture in developmental research. Dans S. L. Friedman, & T. D. Wachs, *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 279-323). Washington, DC: American Psychological Association.

Super, C., Keefer, C., & Harkness, S. (1994, jan). Child care and infectious respiratory disease during the first two years of life in a rural Kenyan community. *Social Science & Medicine*, 38(2), pp. 227-229.

Tooby, J., & Cosmides, L. (1992). The psychological foundations of culture. Dans J. H. Barkow, L. Cosmides, & J. Tooby, *The adapted mind: Evolutionary psychology and the generation of culture* (pp. 19-136). New York, USA: Oxford University Press.

Trafimow, D., Triandis, H. C., & Goto, S. (1991, May 1991). Some tests of the distinction between the private self and the collective self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(5), pp. 649-655.



- Triandis, H. C. (1994). *Culture and social behavior*. New York: McGraw-Hill.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and Collectivism*. Oxford: Westview Press.
- Triandis, H. (2002). Generic Individualism and Collectivism. Dans M. J. Gannon , & K. Newman, *The Blackwell Handbook of Cross-Cultural Management* (pp. 16-46). Malden, MA, USA: Blackwell Publishers Ltd.
- Triandis, H. C. (1989). The self and social behavior in differing cultural contexts. *Psychological Review*.
- Triandis, H. C. (1989, Jul). The self and social behavior in differing cultural contexts. *Psychological Review*, 96(3), pp. 506-520.
- Triandis, H. C. (1990a). Aproximaciones teoricas y metodologicas al estudio del individualismo y el coletivismo. *Revista de Psicologia Social y Personalidad*, 6, 29-38.
- Triandis, H. C. (1996, Apr). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51(4), pp. 407-415.
- Triandis, H. C., Bontempo, R., Betancourt, H., Bond, M., Leung, K., Brenes, A., . . . Montmollin, G. (1986). The measurement of the etic aspects of individualism and collectivism across cultures. *Australian Journal of Psychology*, 3, pp. 257-267.
- Triandis, H. C., Leung, K., Marcelo, V. J., & Clack, F. I. (1985). Allocentric versus idiocentric tendencies: Convergent and discriminant validation. *Journal of Research in Personality*, 19(4), pp. 395–415.
- Tylor, E. (1871). *Primitive Culture: researches into the development researches into the development language, art, and custom* (pp. 1-25, Ed. 4a , Vol. I). London: John Murray.
- Vieira, M. L., Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Piccinini, C. A., Martins, G. D., Macarini, S. M., Rimoli, A. O. (2010, March). Brazilian Mothers' Beliefs About Child-Rearing Practices. *Cross Cultural psychology*, 41(2), pp. 195-211.
- Sachetti, V.A.R. (2007). *Um estudo das crenças maternas sobre cuidados com crianças em dois contextos culturais do Estado de Santa Catarina*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil
- Whiting, J. W. M., & Whiting, B. B. (1975). *Children of six cultures: A psychocultural analysis*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

## ANEXO I



Código: _____
---------------

1. Por favor, responda as questões abaixo sobre os seus pais, irmãos ou familiares.
2. Você gostaria que os seus familiares morassem:
  - a) Na sua casa      b) No seu prédio      c) Na sua rua      d) No seu bairro
  - e) Em sua cidade    f) Em outra cidade    g) Em outro estado    f) Em outro país
3. Por favor, responda as questões abaixo indicando o quanto você concorda com cada uma dessas sentenças (Marque um **X** no número correspondente).

Escala de <i>self</i> autônomo (Kagitçibasi, 2007)	Concordo				
	1	2	3	4	5
	Nem um pouco	Um pouco	Mais ou menos	Muito	Completamente
As pessoas próximas a mim exercem influência em minhas decisões.	1	2	3	4	5
Eu gosto quando as pessoas interferem em minha vida, principalmente aquelas próximas a mim.	1	2	3	4	5
Eu me sinto independente das pessoas que são próximas a mim.	1	2	3	4	5
Eu levo a minha vida de acordo com as opiniões de pessoas que são próximas a mim.	1	2	3	4	5
As opiniões das pessoas próximas a mim exercem uma influência nas minhas questões pessoais.	1	2	3	4	5
Ao tomar uma decisão, eu consulto as pessoas que são próximas a mim.	1	2	3	4	5
Em questões pessoais, eu aceito as decisões das pessoas que são próximas a mim.	1	2	3	4	5

Eu geralmente tento estar de acordo com os desejos daqueles que são muito próximos a mim.	1	2	3	4	5
Eu facilmente posso mudar minhas decisões, a depender dos interesses daqueles próximos a mim.	1	2	3	4	5

## ANEXO II



Escala de <i>self</i> relacional (Kagitçibasi, 2007)	Concordo				
	1	2	3	4	5
	Nem um pouco	Um pouco	Mais ou menos	Muito	Completa mente
Eu preciso do apoio daquelas pessoas que são muito próximas a mim	1	2	3	4	5
Eu prefiro manter certa distância em meus relacionamentos mais próximos.	1	2	3	4	5
Geralmente eu guardo questões pessoais comigo mesma.	1	2	3	4	5
As pessoas que são mais próximas a mim influenciam muito minha personalidade.	1	2	3	4	5
Eu frequentemente penso naqueles que são próximos a mim.	1	2	3	4	5
Eu me preocupo com o que as pessoas pensam de mim, principalmente aquelas que são próximas.	1	2	3	4	5
Aqueles que são muito próximos a mim são minha maior prioridade.	1	2	3	4	5
Meu relacionamento com as pessoas próximas me deixa tranquila e segura.	1	2	3	4	5
Eu converso sobre questões particulares com as pessoas, principalmente aquelas muito próximas a mim.	1	2	3	4	5

## ANEXO III



3) Agora você vai encontrar uma lista de opiniões sobre metas que os pais vão tentar alcançar no desenvolvimento de seus filhos durante seus *primeiros três anos de idade*. Por favor, expresse se concorda ou não concorda espontaneamente da mesma forma que antes.

	Concordo				
	1	2	3	4	5
	Nem um pouco	Um pouco	Mais ou menos	Muito	Completamente
Durante os primeiros três anos de vida, as crianças deveriam:					
Aprender a controlar emoções.	1	2	3	4	5
Desenvolver independência.	1	2	3	4	5
Desenvolver auto-confiança.	1	2	3	4	5
Aprender a obedecer a seus pais.	1	2	3	4	5
Aprender a obedecer a pessoas mais velhas.	1	2	3	4	5
Aprender a cuidar do bem-estar dos outros.	1	2	3	4	5
Desenvolver um senso de auto-estima.	1	2	3	4	5
Aprender a animar os outros.	1	2	3	4	5
Desenvolver competitividade.	1	2	3	4	5
Desenvolver um senso de identidade.	1	2	3	4	5

## ANEXO IV



4. Por favor, responda as questões abaixo sobre as suas informações pessoais

Estado civil atual

Solteira       Casada/mora junto       Divorciada/Separada       Viúva

1. Local de nascimento:     interior     capital

2. Você tem irmãos:       Sim       Não

3. Se sim, quantos irmãos você tem \_\_\_\_\_

4. Possui alguma religião:     Sim     Não

5. Se sim, qual é a sua religião

Católica

Evangélica

Espírita

Umbanda / Candomblé

Outras religiões

Qual \_\_\_\_\_

6. A partir da primeira série, quantos anos de estudo você completou: \_\_\_\_\_

(ex. Ensino completo: 11 anos).

7. Você poderia informar na tabela abaixo as informações sobre todas as pessoas que residem em sua casa. Por favor, comece por você e considere a legenda abaixo.

**Grau de escolaridade:**

- (1) Ensino fundamental incompleto  
 (2) Ensino fundamental completo  
 (3) Ensino médio incompleto  
 (4) Ensino médio completo  
 (5) Ensino superior incompleto  
 (6) Ensino superior completo  
 (7) Pós-graduação

Nome	Idade	Papel na família	Ocupação atual	Carga horária semanal	Grau de escolaridade	Renda mensal
Exemplo: Fernanda Alves	26	Mãe	Farmacêutica	20 horas	6	R\$ 2.500
Eu,						

1. Dados sobre os seus filhos:

2. N° de Filhos\_\_\_\_\_

## ANEXO V

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****Ideias sobre educação/criação de crianças e características pessoais**

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que tem como principal objetivo conhecer o modo como você se relaciona com os seus familiares e membros mais próximos e as suas Opiniões sobre a educação/ criação de crianças. O objetivo é comparar o modelo de *self* e as metas de socialização de mães de diferentes gerações e status social e econômico. Caso esteja de acordo em participar deverá responder a um questionário previamente formulado. Informamos que o tempo estimado para a conclusão do questionário é equivalente a 30 minutos.

Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder a este questionário, é muito importante que compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão esclarecer as suas dúvidas e apenas após compreender todas as questões você avaliará se deseja ser sujeito desta pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária. Você tem o direito de, a qualquer momento, interromper e desistir de responder ao questionário; isso não acarretará em nenhuma penalidade. Informamos que as informações fornecidas por você, até o momento de sua desistência, poderão ser destruídas, caso deseje. As informações terão sua privacidade garantida. Os participantes não serão identificados.



Este material faz parte de um projeto de dissertação, realizado sob a orientação da professora Eulina Lordelo. Os resultados serão divulgados assim que o estudo for completado por meio de conferências. A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a mestrande Mariana Leonesy da S. Barreto que poderá ser contatada pelos telefones: 71-33554487 ou 8125-0187

Ciente e de acordo com o que foi, anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa

Salvador, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito de pesquisa

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

\_\_\_\_\_

Salvador, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.